



*J. M. d' Oliveira Pimentel.*

*Blanc et*

## JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

Quando a corrupção dos costumes publicos, a indiferença das turbas, e o desatino e malevolencia dos que presidem á vida collectiva da nação, se estão empenhando por aviltar os verdadeiros talentos, as provadas capacidades, os caracteres immaculados para levantar sobre os pedestaes da popularidade ficticia os imbecis, os aduladores e os vagabundos, é bem que a imprensa grave e sensata, a que não vende affrontas e panegyricos a tantos cruzados por linha, a que não faz da publicidade uma ignobil veniaga de sordidos interesses, a que serve para difundir o pensamento e não para dar azas á estulticia, registre com louvor os que, pela sua indefessa applicação, pelo esplendor do seu entendimento, pela probidade da sua vida publica e privada, são como os raros espelhos, em que, n'este geral desalinho de costumes, se componham e busquem exemplo, os que não perderam ainda inteiramente, no attrito das paixões vilãs, o instincto da honestidade.

Quando as escorias da sociedade e da intelligencia vem sobrenadar insolentes, é justo que ao menos n'este cantinho, onde não dominam as potencias da terra, se extreme o oiro das fezes e a espaços se apontem os que na lida intellectual mais se tem affadigado por illustrar a sua patria e arrancar-lhe da frente o rótulo de barbara.

Deixemos ao merceeiro feliz—feliz, se é felicidade a ironia da

fortuna contra um cérebro deserto — deixemos ao merceeiro industrioso a popularidade ephemera de uma votação redonda; deixemos ao idiota afortunado o capitolio da chancellaria, que lhe cobre a nudez intellectual com o manto irrisorio de commendador; deixemos ao chatim politico a feliz facilidade, com que fez da calumnia e da diffamação a enxada, com que lucrou o seu pão quotidiano e se levantou a altos cargos e dignidades; deixemos ao mascate eleitoral o lustre dos officios e das prebendas, que obteve, molhando em lodo a penna, com que em torpes escriptos, firmava em cada dia os memoriaes da sua voracidade e os documentos da sua ignorancia; deixemos os pobres de espirito, que tomam attitudo heroica, para que os admire e venerem a posteridade, deixemos a uns, que suspirem e anceiem a cadeira parlamentar, a outros que talhem no orçamento a pagina, que lhes sorri de longe; a estes que despejem no peito a cornucopia inteira das mercês e busquem em alguns farrapos de seda o sobrescripto da sua nullidade; áquelles, que se cancem por sentir atraz de si, nos extasis de um poder burlesco, o tropear incerto de um correio. Deixemol-os seguir seu fadario e cevar suas fomes ou suas vaidades. Coitados! Lidam porque se falle d'elles um dia, mas que seja pelos assetear de pragas ou de ridiculos. Ao cabo de seu trafegar, em que dispendem toda a honra, se um dia a tiveram, lá está umã lapide rasa na ultima jazida, porque a historia não se inventou para narrar feitos de especieiro, nem gestos de taful, que depois de cursar tavolagens e orgias, se fez personagem politico, conselheiro de ministros e quem sabe se tambem ás vezes conselheiro responsavel das testas coroadas.

Escreveu Plutarcho os seus *Varões Illustres* em tempos, em que só de memoria se conheciam; a taes extremos de abjecção moral havia chegado a romana sociedade. A *Revista Contemporanea* tem tambem os seus Plutarchos. Aqui devem estampar-se e vulgarisar-se os bons e raros modelos de nossos dias; aqui se deve amostrar ao povo a effigie moral dos que de tão espessa treva de nullidades, estão irradiando sua aureola intellectual, para nos forrarem á vergonha de que lá fóra se diga de nós, que somos um povo onde os idiotas tem o patriciado e os improbos a influencia.

É o talento sempre raro, talento e estudo rarissimos: talento, estudo e probidade quasi para notar como trindade milagrosa.

N'este paiz ha a hypocrisia do talento, como ha a hypocrisia da virtude, a hypocrisia da independencia, e a hypocrisia da civilisação.

Um ruim estudante, que ao sair dos bancos das escolas, se achou na encruzilhada da vida, tendo a um lado o ser vadio, a outro o ser escriptor, escolheu este mister por mais facil, e affrontando a pudicicia publica suppriu a sciencia e o entendimento pela vehemencia do vituperio. É um talento.

Um homem perdido, sem eira nem beira, cansado de respirar o fumo negro das candeias lugubres, que allumiavam as orgias plebeias, chegou a trepar á tribuna parlamentar, humilhando-se a uns e injuriando a outros. É um talento.

Mas estes são os talentos da especulação e da desvergonha.

É mister que n'estas paginas se registem os talentos da honestidade e da sciencia; os que nasceram, medraram, luziram, floresceram, á vista de todos, talhando os seus loiros em arvore conhecida e patente, seguindo estrada publica, sem nunca se transviarem por atalhos; a principio obscuros, logo apenas bruxuleantes, depois já incendidos, agora despedindo chispas vivissimas, e hoje illuminando com seus clarões de tal e tão intenso lume, que não é licito á mais audaz calumnia o desconhecêl-os.

D'estes talentos é um dos mais prestadios e sympathicos o de Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

Não é necessario que expliquemos ao leitor quem é este homem, verdadeiramente illustre por todas as mais estimaveis qualidades do animo e da razão.

Querem lér-lhe bem nas paginas intimas da alma? É contemplar-lhe um instante a physionomia. Aquella expressão não podia sem uma absurda antinomia anthropologica disfarçar a perfidia, a dobléz, a adulação, a inveja, a calumnia, o egoismo, a baixaza, a covardia, a crueldade, e a dureza de coração.

É ao contrario um coração quasi infantil, a alma de um soldado, o espirito de um sabio. Poucos homens tenho conhecido de maior amenidade e de mais candura no tracto social. Poucos tem mais eloquente testemunho de que no campo sentiram sibillar de perto as ballas inimigas. Raros tem accumulado tantas e tão publicas demonstraões de indefesso estudo e trabalho intellectual.

Ha em Julio Pimentel todos os dotes de um verdadeiro e utilissimo talento. A applicação, a perseverança, a docilidade, o enthusiasmo, a modestia, e o respeito pelos meritos alheios. N'estes tempos, em que quasi todos embocam a tuba epica para cantar o seu proprio louvor, nunca lhe ouvi palavra, que denotasse inchação e vaidade de seus triumphos. Vê-se que requesta a boa fama e que lhe sorri alegremente a gloria. Como bom operario acceita com jubilo esta unica moeda, com que se pa-

\*

gam os obreiros da civilização, mas aceita-a sem a confrontar com a do seu visinho, e sem invejar mesquinamente a do seu proximo. Até onde subiu, subiu honestamente e sem offensa de ninguem. Não subiu como tantos imbecis, em aerostato, impellido pelo fumo das adulações; subiu por degraus contados como sobem os homens, que tem o orgulho da sua valia e que se reputariam deshonrados se o favor ou a intriga lhes offereceram as suas dignidades e os seus officios a troco da abjecção e do servilismo.

É official do exercito? Tem a sua patente escripta no seu corpo com uma balla d'aquellas, que formaram o preço das nossas liberdades, d'estas liberdades, com que alguns fanfarrões e espada-chins de feira estão agora especulando e anedeando suas carnes.

É director do Instituto Agricola? É Socio da Academica Real das Sciencias? Os estudos e trabalhos, com que fez conhecida em Portugal a chimica moderna são os titulos, que lhe valeram aquelle officio e distincção.

A vida de Julio Pimentel é uma das raras, que n'este paiz ensinam uma grande e preciosa verdade; que não ha melhor e mais seguro caminho para o talento do que a independencia e a probidade, e que mais vale o conceito publico, firmado na inteireza do character e no talento orgulhoso, do que as maiores dignidades e fortunas mercadejadas por homens sem pudor, que fazem do entendimento e da palavra o objecto vil de sua venalidade.

Julio Maximo de Oliveira Pimentel nasceu na Torre de Moncorvo, em Traz-os-Montes, terra bisarra, fidalga e móntanheza de cuja nobresa se encontram honrados testemunhos nos livros que resam de nossas antigualhas nacionaes. A estirpe dos Pimenteis, celebrada nas genealogias pela poetica lenda, com que se historia ou fabúla a sua origem e se assigna a procedencia de seu brasão, adornado de Vieiras de S. Thiago, é uma das mais esclarecidas de Moncorvo.

Julio Pimentel é filho do sr. Luiz Claudio de Oliveira Pimentel, visconde de Villa-Maior, portuguez velho e de velha tempera, martyr da liberdade, optimo christão, e hoje venerando nonagenario.

Foi sua mãe a sr.<sup>a</sup> D. Angelica Thereza de Souza Pimentel Machado. Em annos ainda mui verdes se finou, tendo assegurado a seu esposo uma prole numerosa. A seis filhos que deixou faltaram quasi ainda na infancia os carinhos maternos, tão affectuosos e impossiveis de supprir, como de senhora, que por suas virtudes não desmentia o nome imposto no baptismo.

Não sei dizer ao certo quando nasceu o illustre professor da escola polytechnica. Creio que seria pelos annos de 1811 ou 12, e inclinando-me a esta ultima chronologia pelo porte ainda quasi juvenil de Julio Pimentel, advirto desde já os futuros historiadores, que n'este ponto não hajam de jurar cegamente no meu texto. O chimico profundo, a quem é mais facil reter de memoria a formula da aldehyde ou do ether caprylico de que os annos exactos de sua vida, affirma raiar já em meio seculo, computação, que me parece, em consciencia exaggerada.

Seja como fôr, o que é certo, é que o primeiro facto de que se lembra é do anno de 1815. Eu creio firmemente que a primeira impressão recebida por um homem na infancia e por elle confusamente reflectida, é a que decide em muita parte as suas feições moraes. Todos sabem o que foi para a Europa o anno de 1815. Foi a queda do primeiro imperio francez, foi o baquear de um gigante, foi a inauguração da paz depois de um quarto de seculo, gastado em sanguinosas agitações. Napoleão cahiu. As nações, ainda mal cobradas do terror d'aquelle nome celebraram entre jubilos e execrações o exilio do que reputavam o Attila moderno. Bonaparte fôra a personificação epica da revolução e a aguia no fulgor temeroso dos raios, que despedira em cem batalhas, alargára para a humanidade os horisontes da civilisação. Mas a idéa desaparece sempre por baixo do arnez do soldado. Os povos não viram no heroe de Marengo e Austerlitz o apostolo armado da revolução, o nivelador dos thronos, o fundador da egualdade democratica. Viram o homem, que lhes algemára os pulsos, que lhes pisára sacrilego o territorio santo da patria, que lhes talára as suas messes com o tropear dos seus esquadrões, e que recrutára na sua familia ou nos campos de batalha os successores das dynastias immemoriaes. O povo vê o facto, mas não vê a idéa; sente, e não julga; e deixa aos pensadores desprenderem-se dos accidentes e dos episodios da historia para buscarem nos seus mil factos, na apparencia contradictorios, a lei providencial da civilisação.

É bem de suppor que a plebe, e mesmo a ordem equestre de Moncorvo não fosse tão versada na philosophia da historia e tão lida em Herder, em Vico, em Hegel, ou mesmo em Eichhorn, que houvesse de esquecer os maus tratos de Soult ou de Massena, para ver apenas no imperador um syllogismo historico. Tomavam-no como um tyranno, como o offensor da patria, como aquelle, que se attrevéra a fazer do velho e glorioso Portugal uma provincia obscura do imperio francez. É assim que se explica esta especie de triumpho burlesco, em que o populocho de Mon-

corvo saiu a terreiro com o decaído conquistador, figurado em um manequim de palha, cavalgando irrisoriamente um jumento a que iam seguindo e apodando com descomposta vozeria, enquanto os sinos da parochia se associavam com os seus repiques á vingança popular e os foguetes festejavam nos ares a humilhação do antigo dominador. É d'estas alegrias que se lembra como sua primeira impressão politica, o nosso Pimentel. Quem sabe se elle quando a plebe se acalmou e a praça de Moncorvo volveu á sua solidão habitual, ficaria meditando já theorias de liberdade e lançando as sementes d'esta briosa indignação, com que depois apenas adolescente assistio com as tropas liberaes aos primeiros combates da nossa emancipação constitucional?

Que Julio Pimentel tivesse as suas primeiras alegrias com a mais profunda tristeza de Napoleão, podem todos comprehender. Mas custa-me a atinar com a explicação de um facto que me foi narrado authenticamente e se refere tambem ao primeiro imperador. Julio Pimentel tinha uma creada velha, a quem chamavam a Rosa Rólha. O nome não era dos mais sympathicos, mas sei que era boa christã e familiar irreprehensivel. A velha cuidava das creanças na familia e á hora em que ia conchegar o pequeno Julio na sua camasinha, ensinava-lhe como devota, que era, as tenções, por que elle havia de applicar seus *padres nossos* e *ave marias*, das quaes o maior numero, como é piedoso costume de catholicos, se repartia pelos defuntos da obrigação. Quando Napoleão morreu, a velha acrescentava á lista das almas suas favorecidas, por quem ensinava o menino Julio a orar a Deus, a do exilado de Santa Helena. Julio Pimentel nunca pode, segundo me affirmou, comprehender a devoção da velha. Nem eu me atrevo a entrar em conjecturas sobre o caso. Seria a velha jacobina? Mas uma jacobina de roupinhas em Moncorvo ha quarenta annos parece-me caso difficil de roer.

Na honrada e patriarchal familia, de que nascêra, aprendeu Julio Pimentel desde a sua infancia os elementos d'esta sciencia tão rara em nossos dias, ainda nas mais altas regiões da sociedade, a sciencia de ser honrado, que hoje vemos proscripta quasi como se fóra alchimia ou astrologia. Era para vêr e admirar que tranquillos penates sorriam áquella fidalga lareira, onde o sr. capitão mór João Carlos d'Oliveira Pimentel, avó paterno do nosso chimico, presidia ás intimas assembléas da familia. Como um chefe de *clan*, n'aquellas pittorescas e animadas novellas de sir Walter Scott, o sr. capitão mór projectava o seu vulto sereno e magestoso, que impunha o respeito, que facilmente lhe conquistavam tambem as suas excellentes qualidades pessoaes.

Os capitães móres pertencem felizmente á historia. *Felizmente* me escapou da penna. Não sei se bem, se mal. Depois dos capitães móres tivemos outras entidades administrativas, que tem muitas vezes no regime liberal envergonhado por suas gentilezas a comparativa ingenuidade dos antigos chefes das ordenanças. O sr. capitão mór de Moncorvo era não o terror da capitania, mas o exemplar dos seus briosos subditos: alma generosa, espirito illuminado, liberal devéras, jovial em suas practicas, festivo em seus ditos, alegre e communicativo no seu tracto. A todas as perfeições Moraes juntava a de exemplificar com todo o garbo e donaire de um *country gentleman* de Traz-os-Montes os mais difficeis preceitos da arte de Marialva, e por dez leguas de contorno citavam-lhe a airosa posição, com que pousava na sella e a graça e desafogo, com que sofrea o mais indocil cardão ou rosilho de Alter.

Presidia o honrado velho, patriarcha da familia á sua descendencia, que era então já numerosa, e aos muitos collateraes, que á sua mesa franca e hospedeira habitualmente concorriam. Irmãos, filhos, netos, sobrinhos do capitão mór formavam a familia. Dois personagens estranhos eram sempre convivas ao banquete; o capellão, e o sr. Mathias Gonsalves, pedagógo, especialmente encarregado do ensino dos meninos Pimenteis. O sr. Mathias Gonsalves era um mestre-escóla, como todos os do seu typo nos principios d'este seculo. Não podémos colher minuciosas informações sobre este historico educador, e receiando fazer d'este ancião, que seria de certo veneravel, uma figura de romance, apenas diremos ao leitor que o sr. Mathias Gonsalves é de fé que debuxava o mais correcto e gracioso bastardinho, mas em compensação era de mais que aventureira orthographia. É á pouca sollicitude, com que o velho mentor de Moncorvo, se déra a decifrar os arcanos do Madureira, que Julio Pimentel deve o não passar hoje por demasiado orthodoxo para os rigoristas orthographicos. Annos depois foi o sr. Mathias despachado escrivão do Mogadouro. Talvez áquella circumstancia devéra elle o officio, que lhe deram em tempo, em que os escrivães ainda não haviam por uma approximação etymologica dado na mania de se improvisarem escriptores.

Além da leitura, do cursivo e da má orthographia pouco deveu ao sr. Mathias a educação do moço Pimentel. O velho, valha a verdade, pouco sabia. Mas era entusiasta da historia antiga, o que valeu ao educando o supplicio de ter de armazenar na memoria a serie dos reis do Egypto, a dos imperadores romanos, e toda esta inutil tapeçaria de figuras historicas, com que se en-

feita a memoria das creanças, nos pessimos e vulgares systemas de infantil educação.

É com a revolução de 1820 que se abre um novo periodo intellectual para Julio Pimentel. Illustrada já a cidade eterna pela sua primeira manifestação constitucional a veiu habitar o nosso pequeno transmontano, a quem seu pae mandára estudar as humanidades no collegio da Lapa.

Ali aprendeu o latim com Antonio Joaquim de Vasconcellos, bom humanista para aquelle tempo e erudito conhecedor dos classicos romanos. Do latim passou Julio Pimentel para o que então se chamava logica; ensinaram-lhe como a todos os rapazes esta, como diz Tolentino, *arte infeliz rhetorica chamada*, que Julio Pimentel me confessou ter sempre aborrecido, e de cuja utilidade eu ainda não pude inteiramente convencer-me. Alguma geometria, pouquissimo francez, completaram os estudos secundarios do nosso illustre amigo. Devo dizer que por aquelles tempos começou elle a manifestar a sua engenhosa vocação para as artes do desenho, que com entusiasmo de verdadeiro artista cultivava; apesar de que mais ao seu desejo do que á discreta direcção de seus mestres deveu a sua pericia n'este assumpto.

Por 1824 tinha concluido os preparatorios e podia ir fazer seus exames de admissão na Universidade, a cuja faculdade juridica seria por ventura destinado segundo o costume dos cavalheiros de provincia. Não havia completado porém a idade, em que a matricula era permittida. Não podendo cursar desde logo os estudos superiores, saiu do collegio e foi para Moncorvo rememorar o que na Lapa lhe haviam ensinado.

Por estes tempos começavam a invenenar-se as nossas discordias civis, que depois de quarenta annos de provações e de experiencias, não estão ainda inteiramente apasiguadas.

O sr. D. João vi, de pouco feliz memoria, com aquella sinceridade e convicção, com que os reis pela maior parte se associam aos movimentos populares e estendem um panno da sua purpura para que ali se aninhe e conchegue a democracia, tinha depois dos seus espontaneos e solemnes juramentos acabado n'um dia improvisamente o idyllio pastoril das Necessidades; dando-lhe por fecho aquella sedição militar e absolutista, que nas chronicas do tempo se chamou *Villafrancada*. O sr. D. João vi havia sido outr'ora democrata com os seus desembargadores e fidalgos e generaes e cathedraicos e inquisidores (havia um tambem no soberano congresso) de que se havia composto a primeira assembléa legislativa. Mas o sr. D. João vi com esta previsão admiravel da astucia e do egoismo, havia adivinhado

que adiante das theorias republicanas, ainda então apenas verbosas e quasi inoffensivas, estava n'um horisonte proximo a revolução, que em vez de discutir nas academias, havia de tomar nas mãos a espada para entalhar bem fundo no sólo revolto pela guerra civil, a magna carta das liberdades populares. Ora o sr. D. João VI, que ainda não tinha lido a *Democracia* de Tocqueville, que não lêra mesmo nem Montesquieu, nem Flangieri, nem Mably, nem Delolme, nem mesmo a *Justa Acclamação* do dr. Velasco, o sr. D. João VI, que apesar de não ser prolixamente eruditissimo na sciencia do publicista, se deixára adormecer, com gestos e meneios de approvação ás explosões democraticas de Borges Carneiro, entendeu que a democracia era dama assaz perigosa para que soberanos a requestem, e na sua apparente somnolencia andava espiando a occasião propicia para enxotar aquelles mosquitos importunos, que com seus zumbidos revolucionarios lhe estavam perturbando os ocios do throno, e affrontando até ali impunemente a carunchosa magestade das apocriphas côrtes de Lamego.

Sua Magestade um dia saccudiu o manto, passeou até Villa Franca, que chamou da *Restauração*, e pouco depois voltou á sua boa e leal cidade de Lisboa, vendo sair das antigas fileiras da democracia da vespera alguns aulicos submissos, que disputavam a honra de substituir no coche triumphal os urcos do seu monarcha.

Julio Pimentel tinha um tio, que havia governado as armas da provincia de Traz os Montes nos ultimos dias do regime constitucional e havia concorrido para desbaratar aquelles inquietos e ambiciosissimos Silveiras, que tanto se illustraram nos fastos da guerra civil. Era o general Claudino, a quem a reacção inscrevera n'um dos logares de honra d'esta inexoravel e cruenta perseguição, que resuscitou n'este seculo, com o reinado de um principe infeliz, a crueza das cortes orientaes e a sanguinaria ferocidade da familia de Augusto.

O general Claudino era um dos homens, a quem a historia da revolução portugueza deve um dia consagrar as suas mais honorificas menções. Valente, instruido, honesto, patriota, militar esclarecido, era justamente querido dos seus e venerado dos estranhos.

A sua devoção pela causa constitucional mereceu-lhe a intolerante perseguição do absolutismo. Felizmente o sr. D. João VI era um rei no primeiro gráo do despotismo. Usava da intolerancia quanto era estrictamente necessario para desaffrontar a magestade offendida dos que se chamavam então os *inauferiveis* direitos

da soberania. Não lhe pedissem cabeças, nem lhe dessem em espectáculo a pompa sinistra dos cadafalsos, porque o rei, propenso á clemencia, não se inclinava para a terrivel severidade do livro v das ordenações philippinas.

O general Claudino foi pois em castigo de seus crimes deportado para a ilha Graciosa. Partiu. Á corte veio sollicitar a misericordia de el-rei o pae de Julio Pimentel. Duraram por muito tempo as instancias e empenhos do irmão affectuoso. Rendeu-se o animo do monarcha, ou antes se amaciaram as iras reaccionarias de seus ministros. Volveu o general ao continente e comsigo o levou para Moncorvo o sr. visconde de Villa Maior.

Os ocios do bravo general foram de excellente proveito a Julio Pimentel. Com o honrado militar aprendeu elle as mathematicas elementares e o francez. O que Julio Pimentel ganhou principalmente na convivencia e tracto de seu tio foi o firmar-se cada vez mais nos principios da verdadeira e honesta liberdade e compor e affeioar o espirito pelo modelo, que das virtudes civicas lhe estava offerecendo a cada instante o venerando general.

Até Junho de 1826 se demorou Julio Pimentel na sua casa de Moncorvo. Por este tempo partiu para Coimbra com dois irmãos seus para todos se matricularem na Universidade.

Chegados a Coimbra, uma agradavel nova os veio surpreender. Era a chegada de Sir Charles Stuart a Lisboa, trazendo a Carta Constitucional, que D. Pedro havia outhorgado espontaneamente, fazendo d'esta vez partir do proprio throno a revolução, que nascida do povo em 1820 não achára bom terreno onde crescer e fructificar.

Deixemos no escuro as gratas impressões que o moço estudante recebeu com esta noticia, que em todos os corações desaffectedos ao absolutismo fazia raiar uma esplendida aurora de esperanças e de illusões. Contou-me Julio Pimentel que entre todas as suas impressões de enthusiasmo sobrelevava a que sentiu ao ouvir pela primeira vez o hymno da Carta. Lembro-me de que um jubilo indisivel me arrebatou igualmente, quando sendo ainda menino de poucos annos, mas já encanecido quasi no odio ás tyrannias de D. Miguel, no meio das scenas, sempre sinistras de uma revolução, quvi as mesmas graves modulações a primeira vez no dia, em que os poucos bravos do duque da Terceira plantaram em Lisboa, poucas horas depois da ultima execução politica, a alegre e heroica bandeira bicolor.

Volvamos, porém, a Coimbra e sigamos o nosso antigo mestre e sempre bom amigo, que vae sentar-se nos bancos da velha Universidade. Era por aquelles tempos o oraculo da chimica em

Portugal o dr. Thomé Rodrigues Sobral, que de si deixou honrada memoria e a quem a fama publica decretára o primado n'aquella sciencia difficil e quasi então ignorada em nossa terra. O dr. Sobral era de Moncorvo. Bom e santo velho, amavel, sympathico, mantendo a honra da sua reputação conforme o podia fazer n'aquelle tempo, em que digamos a verdade inteira era escassa e maninha a cultura das sciencias naturaes. Com quanto afinco e devoção havia o dr. Sobral versado a chimica, dizia-o a falta de um olho, que perdêra, repetindo a celebrada experiencia de Lavoisier e de Fourcroy, na synthese da agua; operação e desastre, em que tivera por companheiro o venerando professor Barjona. Mal sabia o velho chimico ao acariciar e animar a Pimentel, que em lhe aconselhar as sciencias naturaes por objecto dos seus estudos, estava preparando o successor illustre, que lhe havia de escurecer a sua memoria.

No primeiro anno philosophico se matriculou o nosso Pimentel. Mal haviam decorrido os primeiros mezes do anno lectivo, quando começaram a turvar-se novamente os horisontes politicos. Estava escripto que a liberdade popular concedida na carta por um rei, não podesse vingar n'este paiz, sem que o povo pelo seu proprio esforço e galhardia a fosse conquistar segunda vez nos campos de batalha. A promessa partira do throno. A conquista só a podia effectuar o povo, seguindo nos combates a espada gloriosa do imperador.

Os Silveiras, cada vez mais impenitentes na sua ambição absolutista, accenderam de novo a guerra civil. A repercussão sentiu-se logo na mocidade academica, sempre cultora da liberdade prompta sempre a formar a vanguarda das legiões constitucionaes. Crescia nos animos dos estudantes, o desejo de pelejar pelas liberdades ultrajadas. Julio Pimentel não foi dos ultimos a encender-se nos brios patrioticos e a esquecer o pacifico Linné pelas scenas agitadas da guerra civil.

A provincia de Traz-os-Montes, aonde os Silveiras, por serem d'ella naturaes, gosavam de grande poderio e clientella, ardia em plena rebellião. A familia Pimentel, inscripta já entre as mais sinceramente liberaes, desamparou Moncorvo, e veiu toda a Coimbra, para d'ali seguir para o Porto, impedida, como estava de baixar directamente do coração da provincia revoltada até á segunda capital.

O general Claudino, commandando a divisão ligeira, batêra os realistas na ponte de Amarante, e impedindo-lhes o passo para a provincia do Minho, havia-os constrangido a descer para a Beira. Temia-se que os rebeldes viessem sobre a cidade, onde o

absolutismo contava numerosos adherentes, e onde a propria Universidade continha no seu corpo cathedratico muitos *corcundas*, nome com que a apaixonada linguagem politica d'então appellidava os partidarios da monarchia absoluta.

Urgia aperceber-se na cidade para uma porfiosa resistencia. Era liberal, mais do que liberal, entusiasta, o espirito da mocidade academica. Havia no povo de Coimbra, muita gente, a quem não seria grata e auspiciosa a visita dos Silveiras. Não havia ainda começos de ordenança militar nos que se preparavam para a defensão da liberdade. Inventaram-se os que chamaram então *castellos*, que consistiam em pequenos postos de estudantes armados, os quaes occupavam varias casas pela cidade e mutuamente se correspondiam e se davam alarma sempre dispostos a operar á primeira voz. Viera commandar Coimbra um primo de Julio Pimentel, o brigadeiro Antonio Pinto Alvares Pereira, que depois se illustrou no memoravel cerco de Marvão, onde meu pae então major, commandou com a distincção de um bravo e peritissimo official, a artilheria. Com a chegada do general se proporcionou melhor a resistencia. Estava de guarnição em Coimbra um destacamento de um dos corpos de infantaria, que seguiam a voz dos Silveiras. Eram grandes e fundados os temores de que com algum imprevisto movimento aquella força viesse peiorar a já difficil situação dos liberaes. Um commettimento audaz a surpreendeu e desarmou. Cuidou-se em organizar militarmente a academia. Formou-se o batalhão academico sob o commando do major Julio Cesar de Figueiredo Feio, que com os officiaes e a musica do batalhão de caçadores n.º 7 viera para Coimbra, depois que os soldados em Gouveia o haviam desamparado para irem incorporar-se nas fileiras dos rebeldes.

Julio Pimentel, e seus dois irmãos não consentiam facilmente que nenhum dos outros academicos lhes antecedesse em amor da libérdade e no juvenil ardor de sair a campo contra os inimigos das instituições constitucionaes. Se os não movêra o proprio impulso bastaram as instancias, com que o pae lhes empenhava a elles a honra de cavalheiros n'este patriotico dever e lhes apontava porventura as implacaveis represalias, a que ficaria sujeita a familia, dado que triumphassem os já então intolerantes realistas.

Julio Pimentel e seus irmãos foram dos primeiros a alistarem-se no corpo academico.

Apenas tomadas as primeiras apparencias militares, ainda bissonhos, e quasi nada exercitados, fiando mais dos brios pessoases que da pericia na tactica, partiu o batalhão para a campanha

da Beira. Os dicases, que os ha sempre e mais exacerbados e viperinos nos tempos revoltos e agitados, deslustraram aquella primeira expedição do corpo academico, apodando-a com o epitheto de *campanha das gallinhas*, alludindo á carniceria, que n'aquelles pacificos animaes, victimas predilectas da gula militar, faria sem duvida a marcha folgazan e ruidosa dos academicos soldados. Provaram elles depois com documentos, que a historia já hoje gloriosamente commemora, que para grandes e nobilissimos feitos se guardavam, dos quaes ao diante havemos ainda de fallar.

No valle de Cêa assistiu Julio Pimentel com os seus academicos á junção das divisões do conde de Villa Flor e do general Claudino, que passaram a operar conjunctamente. Deu-se a acção de Coruche, depois da qual os Silveiras desbaratados pelas armas liberaes, volveram a Traz-os-Montes.

Pacificou-se por então o reino, e voltaram a Coimbra os academicos a continuar os seus estudos. As côrtes decretaram que as faltas fossem aos estudantes perdoadas, e por maio ou junho do anno de 1827, fez Julio Pimentel o seu exame do primeiro anno, das faculdades de mathematica e philosophia.

Em enganosa bonança, precursora de formidaveis tempestades, passou o resto do anno de 1827. Com o seguinte de 1828, começa o terrivel drama, que depois de deixar um rasto immenso de sangue desde os Açores até ás alturas da Asseiceira, termina com o exilio de D. Miguel. Em fevereiro d'este anno chegou a Portugal o principe desaventurado, a quem a Providencia havia eleito para n'elle dar uma tremenda lição aos reis, como que para ser elle com os seus desacertos e infortunios, a viva traducção das temerosas palavras do divino texto—*Et nunc reges intelligite, erudimini, qui judicatis terram*. Este principe, a quem faltára desde a mais tenra infancia a educação tão necessaria aos reis, não a educação esteril, que faz de um principe vulgar, um mediocre rei e um deploravel pensador, mas a educação moral e a sciencia practica do regimento dos estados, este principe estava fadado para trazer comsigo á terra da patria o facho das mais cruentas discordias civis. Já as scenas da Bemposta e da nau *Windsor Castle* haviam amargurado os ultimos annos do reinado de D. João vi. A familia dos reis portuguezes havia preludiado em tenebrosas conspirações de antecamara ás scenas immoraes da familia dos Cesares, e o pobre monarcha raiára mui de perto o destino de Paulo i, imperador da Russia.

A chegada do principe, hoje procrispto, ao reino de seus maiores não podia, sem um milagre contra as leis moraes e histori-

cas, deixar de sacudir sobre o paiz as peçonhentas aspides, de que trazia enleiado o sceptro.

Tem-se discorrido mui discretamente sobre se o principe infeliz poderia haver conjurado a guerra civil mantendo as instituições representativas e congraçando em redor do seu throno as parcialidades adversas, em que andava já profundamente repartida a familia portugueza. O que era moralmente para desejar e applaudir, era todavia impossivel segundo as leis, que presidem á necessaria evolução da humanidade. D. Miguel representava o passado pelas suas idéas, pelos seus antecedentes, pelas suas ligações, pelo partido, que o seguia. Como havia elle de symbolisar tambem por uma absurda metamorphose, as idéas de revolução e de futuro? Era mister que o bom e o mau principio, o Ormuzd e o Arihman da sociedade e da politica se apresentassem nos campos de batalha, para que do sangue das victimas brotasse a arvore da liberdade. D. Miguel vinha a Portugal resumir em cinco annos todas as iniquidades da antiga civilisação, e apresentarem tão curto reinado os documentos e os testemunhos eloquentes, que deviam servir á suprema condemnação da velha monarchia.

Á chegada de D. Miguel a anarchia saudou, como sempre succede, o sinistro advento do despotismo já então agonisante, na sua propria carroça de triumpho. Desencadearam-se infrenes as paixões politicas, que sob a regencia da infanta, e no reinado tímido do seu pae, haviam incubado impacientes á sombra de uma passageira tolerancia. Começou então a época das delações, das alçadas, das perseguições, dos carcereiros, dos exilios, das demissões em globo, dos assassinios juridicos, de todas as inúteis violencias, com que um regime decrepito vigora as forças e accende o entusiasmo dos seus juvenis adversarios.

Começou então verdadeiramente a temerosa guerra civil, que teve por tantos annos suspensa e assombrada a Europa. Principiou a lucta cruenta, em que a monarchia antiga, o Golias de sete seculos, arcou desesperada com o genio da revolução, David ainda hontem nascido e acalentado. Entre a idéa nova e o principio absoluto se travou a batalha. A legitimidade do throno foi apenas na contenda um episodio. Nós somos d'aquelles, que não dão grande valor á legitimidade genealogica das dynastias e dos reis. Em face da historia a legitimidade é sempre a revolução ou a fortuna. D'esta vez a legitimidade era para nós a emancipação e a liberdade. O throno, que repartia com o povo oppresso a magestade, esse era o legitimo. E esse foi o que venceu.

A discordia civil manifestou-se logo em principio de 1828 na

cidade de Coimbra, que foi por esses tempos theatro de grandes turbações. Julio Pimentel com a indole de si mesmo liberal, com as illusões democraticas dos desoito annos mal cumpridos, com os exemplos da familia, já provada pelos vexames da reacção, não era dos mais prudentes e commedidos em suas patrioticas exaltações. A intolerancia já o olhava de fito em fito, e o elegéra para lhe fazer experimentar os seus rigores. Era temeridade conservar-se o mancebo na cidade, onde o ensino ia em breve ser proscripto por um governo antipathico a toda a luz. Por conselho e quasi intimação do vice-reitor, que era affeiçãoado a Julio Pimentel, evitou o moço estudante o ser expulso da academia e da cidade, prevenindo a tempo o golpe. Safu Pimentel de Coimbra, caminho de Aveiro, indo na companhia de um irmão seu, de José Estevão, de Mendes Leite e de outros, que igualmente iam fugindo ás iras da reacção. De Aveiro seguiu Pimentel para a Porto, aonde recebeu ordem de seu pae para que se recolhesse a Moncorvo sem detença. Com grandes difficuldades e contra-tempos atravessou o Minho e o Douro, porque em todas as povoações andava revolta e desbragada a anarchia. Adiante da Regoa o populacho armado entoando vivas ao seu rei, deu impetuosamente sobre Julio Pimentel e seus companheiros, que deveram a sua salvação a uma opportuna retirada em que foram sempre attirando sobre os seus implacaveis inimigos.

Eil-o agora a Julio Pimentel restituído á ociosidade da vida domestica, mas triste e inquieta ociosidade, porque ia crescendo mais e mais no norte do reino a agitação politica e cobrando brios a causa de D. Miguel. A opinião realista prevalecia já abertamente em Traz-os-Montes, e a familia Pimentel, mais do que suspeita de liberalismo, já incriminada quasi de rebelde, estava litteralmente bloqueada em Moncorvo, posta a perigo de grandes perseguições. Era necessario que a familia fizesse do solar como que a sua roca-forte, e que apercebida para a defeza, andasse velando cuidadosa á espera do primeiro assalto.

O pae de Julio Pimentel e o general Claudino, para quem sobre tudo era arriscada em Moncorvo a posição, deliberaram evadir-se para o Porto. Uma noite saindo da villa occultamente e a pé, levando apenas algum dinheiro, conseguiram illudir a perseguição até ao Douro e n'um barco rio abaixo seguiram seu caminho para o Porto. Pouco tempo os enganou a esperanza de salvamento, porque chegando abaixo da Regoa foram presos, e d'aquelle ponto datou para os dois irmãos, que o eram tanta nas crenças como no sangue, a serie de martyrios, com que a um e outro os experimentou o absolutismo.

Declarados assim rebeldes os dois cavalheiros de Moncorvo, não devia a intolerancia retroceder diante dos restantes membros da familia Pimentel. O moço Julio padecceu todos os trabalhos de quem havia de levar existencia de banido. A casa paterna já era n'aquelles tempos de ingrata recordação, o menos seguro dos asylos. Julio Pimentel andou por muito tempo homisiado e foragido, enganando a vigilancia dos fanaticos e a sagacidade dos delatores. Conseguiu afinal vir a Lisboa, ao tempo em que seu pae estava ainda encarcerado nas casas-mattas de São Julião. Ali o visitou muitas vezes, ali encareceu, se era possivel, a bondade filial o horror, com que um homem de tão brando e amoravel coração, como Julio Pimentel, havia de contemplar as scenas do despotismo oriental trasladas para o governo de um povo christão e generoso.

De S. Julião ordenou aquella, que por irrisão se appellidava justiça, que o pae de Julio Pimentel e outros réos de primeira cabeça fossem levados ao Porto para ahi serem julgados pela alçada.

Julio Pimentel acudiu logo a visitar e a assistir nas cadeias da Relação ao pae estremoso, que já no declinar dos annos affrontava com altiva serenidade a crueza dos seus perseguidores. Com Julio Pimentel foi tambem para o Porto uma tia sua, senhora de grandes espiritos, a qual com toda a abnegação, de que sabe dar exemplo a piedade feminil, se consagrou a encurtar, com seus carinhos e consolações, as horas sempre longas e attribuladas dos tristes encarcerados.

A alçada foi d'esta vez edificante de clemencia e humanidade. Ao pae de Julio Pimentel sentenceou em quatro annos de prisão nos calabouços de Peniche; ao general Claudino a degredo perpetuo em Pungo-andongo.

A affeição nunca desmentida do joven Pimentel ao tio venerandó, a quem devêra tão singular predilecção, impunha-lhe, entendia-o elle, o piedoso dever de lhe adoçar o exilio e a prisão acompanhando-o ao terrivel presidio ultramarino. Havia já disposto suas coisas para a partida. Contava poder, chegados que fossem a Angola, evadir-se com elle para o Brasil. O honrado general, enfermando gravemente de resultas porventura dos maus tractos, que padecêra, morreu antes de embarcar e poupou aos seus algozes o trabalho de o escoltarem, e a vergonha de deshonorarem a propria vingança dos partidos nas cans de um soldado, tão benemerito da patria.

Com a dôr, que podemos ainda hoje avaliar, chorando ao mesmo tempo a perda de um parente tão querido e tão chegado, e





Christina pinet a pin

Est. 1811

MONTE MOR VELHO.

a morte de um novo martyr constitucional, partiu Julio Pimentel para Moncorvo. Era elle de toda a sua familia o unico membro, a quem o governo concedera até então o privilegio da liberdade. Da liberdade dizemos. Mas que liberdade! Nas povoações pequenas crescem e avultam as paixões politicas. Ali as perseguições, as denuncias, os odios, as vendictas tomam proporções ainda mais temiveis do que nas cidades populosas. Foragido e errante, deixando agora um abrigo para buscar novo asylo em outra parte, viveu Julio Pimentel os tempos, que mediaram até á mais aventurosa e temeraria de todas as expedições modernas. Quando veiu o tempo, em que se esperava a chegada do imperador com o seu punhado de valentes, Julio Pimentel foi para o Porto, para ser dos primeiros que saudassem a suspirada bandeira azul e branca. Não se descreve o jubilo, com que elle e os que viviam com elle no terror e na perspectiva do carcere ou do patibulo, distinguiram no horisonte a esquadra liberal, que velejava, singrando aos ventos da temeridade e da fortuna. De uma altura, d'onde se descobria a praia, presenceou o desembarque do exercito libertador. Na manhã seguinte, com o povo que jubiloso e fóra de si corria a esperar os heroicos soldados de D. Pedro, foi Julio Pimentel saudar tambem os que eram agora seus libertadores, e bem depressa haviam de ser seus irmãos d'armas.

(Continua)

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

## ACHAQUES DA NOSSA LITTERATURA DRAMATICA

O nosso theatro tem padecido diversas enfermidades. A usurpação dos Philippes trouxe-lhe as *famosas comedias* de Calderon, e os *saynetes* e entremezes do doutor Ramon e do licenciado Miguel Sanches. E não admira que trouxesse para o palco as obras dos poetas castelhanos, quando trouxe até o sentir e pensar de Castella para o coração e labios de não poucos portuguezes. Os politicos degenerados começaram de pensar por conta dos nossos visinhos, e os escriptores *a la moda* deram em compor no idioma de Cervantes. Por onde se vê que a praga dos estrangeirados sempre foi velha: os modos porque se tem manifestado esta doença é que tem variado. N'aquelle tempo ficaria tão mal a um peralta deixar de usar revirados bigodes á Philippe iv e largos canhões de rendas de Flandres nos corpetes de veludo golpeados, como lhe ficaria mal exprimir-se em termos que não fossem acugulados de quatro ou seis metaphoras, d'aquellas de nos deixarem a scismar uma hora antes de lhes atinar com as analogias. Toda a linguagem era tida por plebéa, se acaso a não enredassem os trocadilhos do estylo bombastico dos sectarios do culteranismo. *Subam que yó non baxo*, respondia Gongora aos que o arguiam de guindado: *affiem a penetração se querem advinhar-nos*, diriam de certo D. Violante do Ceu, Faria e Sousa, e outros creadores hyperbolicos da eschola hespanhola em Portugal aos que os censurassem pelos arrebiques do seu estylo obscuro e metaphorico.

Debaixo d'estas influencias é facil de ver o que seria a litteratura dramatica: não era nada, porque não existia. A litteratura dramatica, para ser verdadeira, ha de aproveitar e traduzir mais que nenhuma os elementos reaes que naturalmente a constituem, que são a humanidade e a sociedade. Ora os animos e os corações estavam então comprimidos pelos diversos meios de pressão com que a politica suffocava a sociedade. E havia mais do que o jugo castelhana, havia a corrupção moral, o jesuitismo; e a tyrannia do fanatismo religioso, a Inquisição, duas terriveis e estereis influencias que em tempo algum deixaram voar as phantasias ou desabafar os corações ao sol ardente das tradições generosas da patria e da familia.

D'este modo, o theatro era o que os nossos oppressores queriam que elle fosse, porque eram elles proprios que compunham e representavam. Eram producções do theatro hespanhol que figuravam em scena, e até as escutadas com predilecção da boca dos comediantes castelhanos que vinham expressamente a Lisboa para as representar. As mesmas comedias de Antonio Henriques Gomes, auctor do poema *El Sanson Nazareno*, são escriptas em castelhana; e quando Philippe III visitou esta capital, em 1619, a poetiza D. Violante do Ceu compoz a comedia *Santa Eugenia*, tambem no idioma castelhana, cuja representação mereceu a honra da presença do monarcha hespanhol.

E esta influencia nas lettras e nos espiritos durou ainda muito além do proprio dominio politico, porque é uma lei invariavel da historia, quando ha invasões ou conquistas, ser o povo mais adiantado aquelle que predomina nos costumes e na litteratura, quer esse povo seja o conquistador, quer o conquistado; e infelizmente, n'este caso, Portugal estava muito inferior á Hespanha, que atravessava então um dos seus periodos mais brilhantes para o theatro e para a poesia, e via com orgulho a sua litteratura influir, como tempos antes influíra a da Italia, nos maiores genios da França e do mundo culto. Corneille é um poeta hespanhol, não tanto no assumpto do *Cid*, inspirado por Guillen, e no *Menteur*, imitado de Alarcão, como no ardor, na especie de tymbre cavalleiroso que accende as melhores inspirações das suas tragedias. O velho Horacio é mais castelhana que romano: domina-o o sentimento profundo do amor da patria que, unido ao orgulho de raça, dá a mais indicativa e profunda feição do character castelhana. O theatro de Scarron, tirando-lhe uma ou outra personagem, como Jodelet e Crispim, é tambem calcado sobre as peças de Moreto, Tirso de Molina e outros, O proprio Victor Hugo, ainda vindo dois seculos depois, mostra-se

no *Hernani* e no *Ruy Blas*, e até nas *Orientaes*, um ramo d'esta frondosa e feracissima arvore, cujos fructos foram 1.800 peças de Lopo de Vega, e quasi outras tantas de Calderon de La Barca.

Esta enfermidade da influencia hespanhola nas nossas cousas e no nosso theatro affrouxou com o tempo; mas seguiu-se-lhe outra enfermidade, menos tyrannica de certo, porém mais piegas.

Surgiu a Arcadia, e, com a Arcadia, inaugurou-se a quadra da litteratura mythologica. Esta litteratura tinha por tymbre o desprezo dos assumptos contemporaneos e nacionaes, por corriqueiros, e era só no culto dos modellos antigos que cifrava a sua gloria. A imitação resumia o seu dogma capital, e fóra dos gregos e latinos não reconhecia apostolos nem evangelistas. A *Mythologia* de Chompré foi declarada um grande livro por estes regeneradores do nosso Parnaso, e a *Poetica* de Aristoteles recomendada como a unica bitola authentica de todos os partos da imaginação. Sem jurar ás cegas nas aras das tres unidades classicas, todo o genio, por mais genio que fosse, era reputado revel aos mandamentos do codigo que unicamente podia engendrar litteraturas e legalisar poetas, e por isso tragedia que apparecesse sem os atavios convencionaes do cothurno, gladio e chlamyda, era condemnada como fructo abortivo de cerebro enfermo, ou como tentativa revolucionaria contra a gloria dos Sophocles e Euripides.

Não custa a perceber qual seria o resultado de uma tal doutrina: foi triste, mas significativo. A antiguidade, assim interpretada debaixo de fórmulas tacanhas, começou a resuscitar á voz invocatoria dos poetas de então, e a phalange dos Ajax, das Antigonas, das Clytemnestras, das Electras, das Méropes, das Sophonisbas principiou a desfilar com passo medido e gesto concentrado e solemne, como personagens compenetradas da necessidade de surgirem dos abysmos da eternidade para virem regenerar-nos com a lembrança dos seus exemplos.

D'esta estyrpe infinda de heroes e donas das eras classicas apenas se saie, por excepção, para nos apresentar alguma *Veriacia* ou *Ignez de Castro*, assumptos de certo de tragica recordação nacional, mas que ainda assim nos apparecem trajando á grega. O mais notavel exemplo de ousadia reaccionaria contra estes preceitos é a tragedia *D. Maria Telles*, de Luiz Corrêa da França, e o *D. Pedro Infante regente*, do padre Henrique José de Castro, mas estas composições, mal traçadas no plano e frouxas de estylo, apresentam todos os defeitos de obras que se apartam das regras eruditas e não sabem encontrar outras melhores. A *D. Maria Telles*

nem chega a ser uma producção dramatica: é uma narração em que é difficil distinguir de qual dos personagens o auctor quiz fazer o protagonista.

Mas esta mania da tragedia classica não dominou muito além do recinto das Academias e cenaculos dos poetas eruditos. Era ahí que os arcades, pedindo a um estudo laborioso as inspirações de Racine, evocavam os vultos imponentes da Grecia e Roma, emprestando-lhes a vida pallida e debil de alguns dialogos semeados de apostrophes e sentenças moraes.

Noentanto, se a maior parte d'estas tragedias não saíu dos limites privados das leituras academicas, exceptuando a *Nova Castro*, de Baptista Gomes, applaudida em todas as scenas de Lisboa, e varias outras como a *Destruição de Jerusalem*, *D. Sebastião em Africa e Virginia*, de Manoel Caetano Pimenta de Aguiar, representadas em Coimbra, o theatro sentiu esta influencia de queda irresistivel para o genero *heroico*, e por isso vemos que no repertorio de então predominam as imitações e contrafacções das tragi-comedias de Metastasio, e das comedias-heroicas de Alarcão, Roxas e Moreto. São d'este numero o *Heroe da China*, *Aspasia na Syria*, *Tippo-Saëb ou A tomada de Seringapatão*, *D. João de Alvarado*, *O escravo em grilhões de ouro*, *A bella selvagem*, e outras peças de estylo emphatico, obrigadas a confidente, personagem conceituoso, discreto e solemne, a cujo hombro se encostava, em attitude theatral, o amante infortunado nos momentos criticos, e que se aproveitava da ausencia da scena de todas as figuras para desfechar sobre o publico um estirado monologo substancioso de maximas e aphorismos banaes, sermão a que as platéas d'aquelle tempo, nos excessos da sua boa-fé, chamavam uma *excelente falla*, e que por isso escutavam sempre sem tomar a respiração nem pestanejar, e cobriam no fim de ruidosos applausos.

Coube boa partilha d'estes applausos ao velho mestre de meninos da Rua da Rosa, Nicolau Luiz, e se o antigo theatro do Bairro Alto ainda existisse, contaria, assim como o primitivo Salitre, como se passaram estas noites de sincera e pacifica satisfação.

Veu depois uma das enfermidades mais flagelladoras, não só para o theatro portuguez, como para todos os theatros; veiu o genero sentimental ou lacrimoso, a que os francezes pozeram o nome de *larmoyant* e os hespanhoes *lloron*.

Este genero nasceu na Allemanha, e foi Kotzebue o seu creador. Não é facil de prever o diluvio de lagrimas e os abalos de sensação dolorosa que produzio o seu drama, que, com o titulo de *Mysanthropia e arrependimento*, gyrou por quasi todas as scenas conhecidas. E todavia, nada mais simples do que o entrecho

d'este drama, que não passa de uma seducção e de um arrependimento; mas o sexo feminino não podia deixar de presenciar com sympathy, e até de seguir com dolorosa anciedade os transes da historia da culpada Eulaia, que assim se chama a heroina da peça, cujo virtuoso e attribulado arrependimento entenece o coração de seu marido.

Ninguém dirá que este assumpto seja verdadeiramente moral, visto que prova, que uma esposa pôde deixar-se seduzir pelo primeiro homem que lhe appareça, fugir depois com elle, abandonar o marido e os filhos, porque lhe offerecem diamantes e vestidos luxuosos, e passados tempos, quando o seductor se enfastia d'ella, voltar á casa esquecida e que deixára infamada, e encontrar os braços abertos do marido para a receber. Semelhante assumpto não deve de certo muito á moral, mas infelizmente é a historia de muita mulher; e que o não fosse, toda a mulher sente um prazer secreto em ver demonstrada a possibilidade do seu perdão e da sua reabilitação, no caso que o Satanaz das tentações illicitas conseguisse arrastal-a ao abysmo da seducção.

É este inquestionavelmente o segredo do predominio que este drama exerceu por tanto tempo no espirito do sexo feminino, e que nos explica até o encarecimento com que ainda ha bem poucos annos foi recebida a *Gabriella* de Emilio Augier, que não é outra cousa senão o mesmo thema, com pequenas modificações, e com a belleza de mais dos formosissimos e eloquentes versos do seu estylo fluente e pathetico.

Escusado é dizer, que a *Misanthropie et repentir* produziu depois uma numerosa familia de *dramas lamurientos*, que á força de situações affectuosas e lances afflictivos, deram em piegas, e acabaram por fazer rir. Em Inglaterra deu-se um caso analogo com o episodio de D. Ignez de Castro. As desventuras da formosa amante de D. Pedro commoveram profundamente o publico inglez, e quando D. Ignez se apresentava a D. Affonso, lavadá em lagrimas, radiante de formosura irresistivel e com os dois filhinhos pela mão, este lance de natural e vehemente affecto, arrancou lagrimas dos olhos mais indifferente. Os poetas de então viram uma mina de sensibilidade n'esta situação extremamente pathetica, e o primeiro que compoz uma tragedia adequou-lhe um lance semelhante, mas julgando augmentar-lhe o effeito, accrescentou-lhe mais um menino. D'esta vez ao publico inglez pareceu-lhe creanças de mais, e já não chorou nem applaudiu. Outro poeta indiscreto, que se seguiu a escrever outra tragedia, pensou que o defeito era ainda da mingoa do numero

de filhos, e poz-lhe quatro. A esta vista da mãe seguida de tão numerosa prole, o publico inglez não pôde conter-se e desatou a rir. O ridiculo matou então um lance de verdadeiro pathetico. A sensibilidade, assim exagerada, mostrou o reverso comico, e cedeu á lei geral de todas as cousas, que, encarecidas sem tino, degêneram e cahem no extremo opposto.

A verdade é, que por bastantes annos em França e fóra de França foi moda fazer alardo de peito sensivel. Por muito tempo ninguem quiz ouvir senão producções dramaticas que fizessem chorar, e ainda depois das representações fallava-se das desgraças da heroina imaginaria, com a afflicção viva e penetrante com que se lastimaria uma catastrophe de familia. Se encontravam até qualquer individuo risonho, perguntavam-lhe logo, em tom de reprehensão: — « Que alegrias são essas? Então ainda não viu o drama de Julia Molé? »

Era de obrigação estar triste. O genio romanesco, ferido nas cordas mais sensiveis, achava este desabafo, e obrigava a todos a que tingissem o rosto de melancholia, como quem veste luto por uma dôr nacional.

O escriptor francez Delongchamps ainda quiz ver se punha um dique ás cataratas lacrimosas d'aquellas almas sensiveis, e fez a satyra da *Misanthropie et repentir* com a engraçada comedia *Comment faire? ou les Épreuves de misanthropie et repentir*, mas perdeu o seu tempo, porque a affecção d'estas lastimas convencionaes, semelhante a um contagio, continuou a correr mundo e chegou tambem a Portugal.

Em Portugal, o introductor d'este genero sentimental foi Antonio Xavier. Quem se não lembra ainda da *Sensibilidade no crime*, da *Camilla no subterraneo*, da *Preta de talentos*, e outros dramas de angustiosa lucta de paixões? José Agostinho de Macedo, com o seu genio satyrico, fustigou atrozmente os seguidores da nova eschola franceza, mas elle mesmo, apesar das chufas com que ridiculisou na *Besta Esfolada* as producções de exagerado sentimentalismo, não conseguiu subtrahir-se á influencia da época, e escreveu *D. Luiz de Athaide*, e *Clotilde*, que são exactamente dois episodios do amor tyrannizado pelas chamadas conveniencias de familia, e dispostos em lances vehementes de lucta sentimental.

As dissensões politicas, que vieram depois de 1820, não podiam deixar de influir no theatro, mas influiram de um modo lastimavel, porque foi desviando da scena os poucos talentos litterarios e as rarissimas vocações que procuravam, ainda que por caminhos que nunca poderiam chegar a fins satisfatorios e com-

pletos, a restauração e lustre do theatro portuguez. Os trabalhos de Soares de Azevedo, Fernando José de Queiroz e outros, não passam de imitações de peças francezas, pouco mais ou menos no mesmo genero de Antonio Xavier, porém mais frouxas, porque o auctor da *Preta de talentos*, sem possuir a fecunda inventiva dos escriptores francezes, de quem aproveitava as melhores obras, era dotado de inquestionavel engenho dramatico, e poucos como elle sabiam combinar lances de lucta affectuosa, e desenvolver-os por meio de situações que attraíam as sympathias e os applausos das platéas.

O theatro por fim fecha-se, para se abrir dois annos depois debaixo dos auspícios de uma nova era de influencia litteraria. Com a restauração liberal, o predominio da nova eschola franceza inaugurada triumphantemente com a revolução dos tres dias de fevereiro de 1830, estendeu o seu influxo a Portugal, porque estas ordens de factos correm parallelas, e as revoluções politicas, quando são o resultado natural de um principio fecundo que fermenta no seio da sociedade e inflamma os animos, são sempre precedidas de obras litterarias, precursoras da acção lenta e progressiva dos espiritos, e depois seguidas de obras mais completas, que explicam e caracterisam os proprios movimentos revolucionarios. O amor das tradições nacionaes, os desejos de emancipação politica traduzindo-se no espirito da independencia litteraria que se soltava das péas da imitação classica, a analyse desassomburada da historia, e, com essa analyse, a apreciação e muitas vezes a condemnação dos erros e demasias dos antigos principes, e d'ahi illações e inferencias de censura para actos presentes ou pouco remotos, todo este complexo emfim de intuitos, pensamentos e vôos de phantasia poetica, ao de longe aquecidos e estimulados pelo impulso da politica militante, formam, em geral, a natureza da litteratura dramatica d'este tempo, tempo ainda de transição, mas de transição que já accusava os largos e profundos traços que depois lhe firmaram a phisionomia. A *Torre de Nesle*, *Antony*, e sobretudo *Les Vêpres siciliennes*, *Marino Fallero*, *Cromwell*, e *Marion de Lorme*, são os monumentos dramaticos d'esta época, monumentos que incitaram os nossos talentos a levantar o estandarte do novo movimento litterario no theatro.

Quasi todos estes dramas nós vimos na Rua dos Condes, ou representados pela companhia franceza, que veio a Lisboa logo depois de 1834, ou annos depois, pelos actores portuguezes. Porém, toda esta época é propriamente uma época de reflexo litterario, partido de França, porque o genio nacional sopitado, ou ainda extenuado pelas fadigas e oppressões da passada lucta

politica, mal accordava e collegia forças para acudir aos novos reclamos. Foi só depois de alguns tempos, que vimos despontar a verdadeira aurora para o drama nacional, com o apparecimento do *Gil Vicente*. N'este romantico e nacionalismo quadro da nossa historia tradicional, apparece o velho fundador do theatro portuguez, apár de Bernardim Ribeiro, o nosso primeiro cantor das magoas do amor infortunado. São dois representantes do parnaso portuguez, com que o visconde d'Almeida Garrett abre de novo a scena nacional e inaugura o modelo do genuino drama, atando o fio das tradições da historia e da poesia.

O exemplo não podia deixar de ser fecundo, e foi. Todos nós, que escrevemos ou lemos, nos recordamos ainda de certo do entusiasmo com que as primeiras representações d'este drama foram escutadas e applaudidas. Não foi só uma producção dramatica que surgiu no palco, foi uma época litteraria que irradiou da scena, e irradiou para muitos e brilhantes engenhos que depois seguiram os passos — e alguns bem de perto — do auctor de *D. Branca*.

Os effeitos das novas inspirações manifestaram-se no *Fronteiro d'Africa*, nos *Dois Renegados*, na *Ausenda*, no *Homem da Mascara Negra*, no *Alcaide de Faro*, no *Captivo de Fez*, na *Maria Telles*, no *Pagem de Aljubarrota*, nos *Dois Campeões*, na *Rainha e aventureira*, e outras differentes producções em que a phantasia do poeta se deleita em divagar pelas eras decorridas, e identificar-se com os seus personagens mais caracteristicos. Os assumptos de que este quadro se inspirou com mais predilecção, foram os assumptos historicos, e a idade media a época preferida, por ser talvez aquella que ministrava mais naturalmente côres fortes e carregadas ás pinturas de irritação de paixões com que se comprazia a phantasia dos escriptores de então, abalada ainda pelas recordações vivas das luctas sanguentas das discordias politicas. A fórma historica é pois a physionomia quasi absoluta dos dramas de então. É o pensamento desentranhando-se do seio dos monumentos e chronicas do passado, onde a curiosidade e o respeito o tinham levado a prostrar-se em contemplação admirativa diante de alguns dos seus maiores vultos, que depois volve a encarnar-se nas fórmas palpitantes da arte dramatica.

Esta quadra, porém, levou tambem ao seu excesso. O drama historico passou de um amor ás tradições nacionaes, de uma inspiração das idades cavalleirosas, de uma predilecção do espirito poetico, de uma imitação, emfim, incitada pelo influxo do genero que os triumphos de Victor Hugo, Delavigne e Alexandre Dumas haviam consagrado, passou d'esta fórma dramatica a uma

contagiosa mania litteraria. Tudo começou a escrever dramas historicos, e o drama historico tornou-se o pesadello das platéas, e a cabeça de Medusa dos criticos respeitadores das boas tradições da scena.

E que dramas, e em que historias esses escriptores se não foram inspirar! Cada um dos partos abortivos d'aquellas imaginações lugubres e escandecidas, era um tratado de horrores. Parecia que andavam á aposta de quem havia de inventar mais golpes de punhal, mais imprecações proferidas de dentes cerrados e olhos em fogo, mais amores incestuosos e luctas de opprobrio moral. E isto tudo passado em subterraneos lóbregos, ou á claridade opáca e sinistra de alguma velha sala de armas de *castello roqueiro*. A xacara, sobre tudo, era o trunfo obrigado d'este jogo de affectos tumultuosos e paixões de cabellos arripiados. Sem xacara, o drama historico ficava sem a melhor feição da sua physionomia. Era indispensavel que a *nobre dama* assomasse ao adarve da torre de menagem, e que d'ahi entregasse aos écos das cercanías as suas queixas doloridas, e com ellas algumas estrophes cóxas de versos insulsos e quebrados, porque a apaixonada castellã, no exaspéro desculpavel da sua dôr, havia-se esquecido de que os versos, para serem versos, teem de ceder a certas regras de metrificação. Mas nada d'isto era preciso. Os dramaturgos de então não careciam senão de algumas chronicas velhas, e do *Elucidario* de Viterbo. Com estes poucos livros faziam tudo, porque lhes proporcionavam ao mesmo tempo o seu manancial de inspirações e o subsidio da mais fecunda e authentica erudição. Por isso não nos admira que a historia seja tractada com tanta sem-cerimonia, que se fabrique uma certa archeologia phantastica, e que inflammados em tão fortes e calorosos exemplos de paixão humana, como são as vinganças dos tempos feudaes, os caracteres saiam rudes e ferozes, como se fossem talhados a golpes de hacha-de-armas. Até n'isso tinham *cór local*. Eram tudo estatuas gothicas, toscas como a rusticidade do tempo que symbolisavam.

Esta trovoada de horrores tambem passou para o theatro. A musa do drama historico descansou de tanto flagicio. A requerimento de varios coveiros e sollicitada pelos individuos encarregados da estatistica da mortalidade theatral, esta dama de máus instinctos, deixou por fim o palco, mas não sem lhe lançar de longe ainda olhares esfaimados e sanguinios, como o animal carnivoro que tem por costume visitar a deshoras o galinheiro do desprecatado casaleiro, e que com os primeiros assomos da madrugada se retira a custo, olhando ainda para traz e lambendo os beiços.

Com o drama historico, tinha apparecido no nosso theatro um seu irmão gêmeo, que foi o melodrama, e de tal arte se identificaram e consubstanciaram estes dois irmãos, que muitas vezes deixaram de ser dois, e formaram uma só entidade, dando em resultado o appellidado *drama ultra*, que era como a erupção verdadeiramente vulcanica do cerebro em chammas do dramaturgo d'aquelles tempos. N'esta especie de caldeira dramatica de *Pedro Botelho* entravam todos os ingredientes que podiam pôr aos pulos o coração do sexo femenino, e lançar nos mais terriveis pesadelos o espirito de um publico de boa-fé. Estupros, envenenamentos, raptos, deliquios, duellos, vinganças atrocissimas, pugilatos de paixões, tiroteio de affectos, emfim tudo que enche o cerebro de fantasmas pavorosos, e produz móvitos e insultos epilepticos, tudo isto apparecia em scena combinado em situações violentissimas, que mais parecia um temporal de apostrophes e imprecações. O espectador assistia embatucado a estes quadros de horror, como o individuo a quem se tivesse encruado o comer no estomago, e outras vezes resava o crêdo em cruz, como se se visse perseguido pelos maleficios de uma alcateia de diabos incubos. Em França, esta aberração dramatica foi anterior ao movimento da Restauração de 1830, mas no nosso theatro appareceu depois das primeiras tentativas do drama historico, e só quando os talentos mais predilectos da scena depozeram a penna, descansando dos seus triumphos. Guilbert de Pixérecourt, Victor Ducange, Felix Pyat, Noël Parfait, Dennery foram os representantes do genero, genero que só chegou ao nosso theatro pelas predilecções estragadas de alguns traductores, que ainda assim nos fizeram assistir ás recitas de muitas das mais exageradas e monstruosas producções d'aquelles éscriptores, como o *Roubo*, a *Magdalena*, *Vinte annos ou a vida de um jogador*, *Ha deseseis annos ou os incendiarios*, *A marqueza de Brinvilliers*, *Ricardo Arlington*, e outras peças, que pela sua propria exaggeração evidenciavam a época de decadencia de que eram o symptoma e já o resultado, porque só em quadras de tristissima esterilidade para todas as fórmulas da arte, o talento se extravia por estes caminhos perigosos, que não conduzem senão ao esquecimento de todas as leis do bello e do perfeito, e, como consequencia inevitavel, ao proprio aniquilamento da mesma arte.

Ainda depois de todas estas enfermidades com que tem sido achacada a historia do nosso theatro, ainda lhe sobreveiu outra que não é possivel deixar em esquecimento, por que é a mais recente.

Depois das luctas violentas veiu a necessidade do repouso. O

drama historico, o melodrama de paixão e o melodrama de peripecias absurdas já tinham exaurido todos os expedientes de que a fecundidade das combinações scenicas podia lançar mão para abusar do gosto depravado das platéas grosseiras. Os tyrannos já não horrorisavam; os algozes podiam tambem passar ao fundo da scena, que o povo ria-se d'elles; a propria escala dos desenlaces assombrosos estava toda percorrida: já não havia transe afflictivo que não fosse uma lamuria conhecida, nem final de acto, por mais arrôjo com que fossem injuriadas as leis da verosimilhança, que não houvesse cahido em trivialidade.

D'este modo, os *dramaturgos schakeapereanos* começaram a perceber que a sua quadra climaterica tinha passado, porque o publico carecia de socego. Tiveram então a palavra os escriptores sensiveis, os talentos elegiacos, os partidarios do madrigal na scena; e d'este composto de elementos maviosos e delicados nasceu o *drama intimo*. As cordas affectuosas dos corações ternos prepararam-se para ser vibradas, e as mães amoraveis e as filhas carinhosas tomaram logar nos camarotes.

Passou-se de uma quadra de sobresalto a uma quadra de piéguice. O tyranno havia sido o filho predilecto do melodrama, e do mesmo modo o drama intimo tambem teve a sua filha mimosa, que foi a *engenua*. A *engenua* é filha legitima do drama intimo. D'aqui em diante o theatro põe na rua todos os personagens sinistros das antigas composições aterradoras, e apenas admite o *pae-nobre*, o galan affectuoso, a irmã dedicada; e apenas, para fazer sobressair os dotes candidos da alma pura e simples da *engenua*, lhe põe ao lado uma tia rispida ou um tutor, que em materia de consorcios, não conhece senão as conveniencias sociaes e as leis do interesse.

Ora a *engenua*, que é sempre uma creatura simples, de voz afflautada, com o riso da primitiva innocencia a brincar-lhe nos labios, dá-lhe ás vezes para se deixar seduzir, o que não admira, porque a primeira *engenua*, que foi de certo Eva, tambem se deixou tentar e seduzir pela serpente diabolica. Esta seducção pois, ou possibilidade de seducção, constitue o assumpto capital d'estes quadros de affecto intimo. O thema não se póde dizer que não fosse fecundo, porque, em resumo, o amor é a historia do coração da mulher, e a historia do coração da mulher é a historia moral de tres partes da sociedade. Mas a difficuldade era conservar estes elementos na sua pureza, e não os prostituir ou exagerar, hyperbolisando as paixões, e fazendo de todas as *engenuas* heroínas impossiveis, o que era tirar-lhes o character de candura *sympathica* para as converter em matronas espartanas; ou não

as exagerar com a imaginação, mas exageral-as com o desejo insistente de investigar e achar nos episodios da vida real as lastimaveis excepções que são o opprobrio das sociedades e do coração humano. D'este abuso nasceu o drama angustioso, como *Les pauvres de Paris*, que é uma repetição do drama lacrimoso. Por onde se vê, que o theatro, quando não se restringe aos seus elementos verdadeiros, que são o estudo da sociedade e a observação da humanidade, que não é senão a sociedade n'uma dada hypothese de actividade e actualidade, cáe necessariamente no chavão das fórmias; e se ha de ser o espelho da vida real, e uma lição para as platéas, fica sendo apenas uma formula caprichosa da phantasia poetica, e uma distracção sem ensino, nem exemplo, nem fructos perduraveis para as classes que poderiam aproveitar mais com este genero de litteratura.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

# EXCERPTO

DA

## TRADUÇÃO PARAPHRÁSTICA

DA

### CURA DO AMOR DE OVIDIO

DEDICADA AO SEU POETA E AMIGO

MENDES LEAL

POR

A. F. DE CASTILHO.

A SOLIDÃO PARA NAMORADOS.

A que vais, namorado mesquinho,  
a que vais procurar solidão!  
quanto mais te sepultas sosinho,  
mais te dóe o infeliz coração.

A teu mal são veneno esses ermos;  
esse instinto é falaz, é traidor;  
volve ao mundo; de amor os enfermos  
co' o bulício guarecem de amor.

No retiro se pasce a tristeza;  
na tristeza a saudade voraz;  
fugir pensas da infesta belleza,  
e inda a ves; a seus pés inda estás.

Quem a noite compara co' o dia?  
elle, em festa; ella, involta no dó;  
elle ri, ouve e falla, anda e cria;  
ella jaz, vê phantasmas, é só.

Foge, oh! fuge do exilio nocturno!  
 teu peor inimigo é teu lar;  
 não te esquives a amigos soturno;  
 não te feches em casa a chorar.

Não ha mimo entre os mimos celestes  
 que se possa á amizade antepôr;  
 tem um Pylades seu cada Orestes,  
 que das furias lhe abrande o rigor.

Phyllis porque é tão misera?  
 sem custo se adivinha:  
 pelas soidões selvaticas  
 vagou, gemeu sósinha.

Como bacchante barbara  
 no trienal tumulto,  
 discorre aerea, atonita,  
 cabello esparço, inculto!

Já pelo undoso pélagos  
 sem termo a vista espraia;  
 já cae exausta, e languida  
 jaz na arenosa praia.

«Ai Demophonte! ai perfido!»  
 vozeia ao surdo mar;  
 e a voz sentida e querula  
 lhe expira a soluçar.

Por tenue senda umbrifera  
 tem de uzo a pobre amante  
 vir cada dia em lagrimas  
 ao páramo espumante,

pedir-lhe do seu profugo  
 as tão sonhadas vellas,  
 e reverter exanime  
 para sonhar com ellas.

Seria já vez decima,  
 quando amanhã voltasê!  
 já nada espera! inhospito  
 mar só divisa em face!

Arranca o cinto; encara-o  
 com pallidez mortal:  
 «Veja o que fez deixando-me  
 aquelle desleal!»

murmura. Um ramo proximo  
tentou-a; observa-o fita....  
treme da propria audacia....  
apalpa o colo.... hesita....

hesita.... Enfim, n'um impeto  
de frenesi feroz,  
pende-se! é morta. Ai arvores!  
que se não foreis vós,

vós, solitarias perfidas,  
da insania inspiradoras,  
da suicida complices....  
ermo, se tu não foras,

tão horrída tragedia  
nunca a veria o mundo.  
Contam que o bosque lobrego  
se encheu de horror tão fundo

vendo o cadaver gélido  
co'as auras voltear,  
que o verde manto flórido  
se lhe esfolhou pelo ar;

e, como por memoria  
de seu remorso interno,  
no alto verão mais calido  
appareceu de inverno.

Mulheres, homens; victimas  
d'acerbos desamores,  
tremei d'eguaes catastrophes!  
Os ermos são traidores!

## FR. FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

Do quanto Monte-Alverne amava o genero humano em geral, á-Fenelon: mais que a si, á familia, e á patria, não é mister andarmos desentranhando provas pelos seus escriptos; de todas ás suas paginas ressumbrá esse affecto universal d'um grande coração, tornado ainda maior pelas meditações christãs e philosophicas. Quem vive no meio da humanidade, poderá servil-a; ama-a, só os ausentes. A privação e a distancia engrandecem, melhoram e tornam sympaticos os objectos.

Temo-nos dilatado mais que bastante a descrever por dentro o religioso; atraz do gosto nos deixavamos ir, esquecidos de que o nosso dever aqui era historiar; historiemos pois; ainda que a historia de um fradinho pouco atractivo, e até pouco sentido tenha, para quem fóra dos conventos a folhêa. Retrocedamos a tomal-o na idade dos vinte annos, no anno quarto d'este seculo.

Em 804 achâmol-o collegial; parte para S. Paulo; vae continuar os seus estudos com o famigerado theologo Fr. Ignacio de Santa Justina.

Em 807, inicia-se nas ordens sacras.

Em 808, recebe o sacerdocio.

Em 810, despacham-no prégador e lente substituto no collegio de S. Paulo.

Em 815, lente de philosophia no mesmo collegio.

Em 816, prégador régio e lente de prima.

Em 818, examinador da mesa da consciencia e ordens.

No mesmo anno, theologo da Nunciatura Apostolica.

Em 819, guardião do convento da Penha no Espirito Santo.

Em 821, confirma-lhe a ordem todos os privilegios de lente de prima, accrescentando-lhe os de uma nova guardiania.

Em 824, elevam-no unanimemente a secretario da provincia franciscana.

Em 825, a Custodio.

Em 829, uma honrosa provisão do bispo do Rio, o faz mestre de rhetorica, e supplente de todas as mais cadeiras do seminario de S. José. Depois examinador synodal.

Em 835, sáe membro correspondente do Instituto historico de Paris.

Em 836, cega de amaurose, resultado da excessiva leitura.

Em 841, apparece lente jubilado.

No mesmo anno, ou pouco depois, definidor da mesa.

Em 847, membro honorario do Instituto historico e geographico do Brasil, e membro honorario da Academia das Bellas-Artes.

Em 848, membro honorario da Imperial Sociedade — Amante da Instrucção.

No mesmo anno, é proclamado pela Sociedade—Ensaio Philosophico — *Genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil.*

Em 849, *Grande Conservador* da mesma Sociedade.

Estamos no anno sexagesimo quinto de sua vida.

Detenhamo-nos um momento a respirar de tão accelerada ascensão.

Consideremos, quanto não seria preciso de talento, de estudos, de zelo, de mérito real, para tanto sobresaír um amortalhado!

Sim; a fortuna quasi nunca dá, vende; e vende caro. Monte-Alverne mercou-lhe as graças com as noites velladas de sol a sol, com os dias levados a conversar com os mortos de crepusculo a crepusculo, até que os seus olhos se apagaram para nunca mais se reacenderem; que foi segunda, mais completa e forçada renunciação ao mundo, e dentro no tumulo d'um mosteiro, segundo tumulo mais terrivel.

Não é tudo: estes mesmos sopros da gloria que o elevaram, como se os não houvera todos pagos de contado em legitima e boa moeda, teve ainda que os repagar com as amarguras de se sentir comer em vida pela polilha da inveja, pelas sevandijas da

ignorancia, pelas viboras da ingratição, pragas que nunca faltam á sombra dos loireiros.

Ninguém melhor cantou, ou chorou, esta verdade que o grande Béranger; á sua custa a devia elle saber:

*De tout laurier un poison est l'essence.*

Tenho que ousar aqui uma apologia. Reprehendem ao meu frade, varões graves e sisudos, soberbias de todo o ponto alheias do borel, da corda, e das sandalias, uma jactancia pueril, uma idolatria de si mesmo, que a philosophia, que os instinctos de decencia, que as praticas aceitas e consagradas, não toleram.

Para andarmos 'neste delicado processo moral com toda a lealdade, adduzamos os fundamentos da accusação.

No discurso preliminar ao sermonario, diz:

«O paiz tem altamente declarado que eu fui uma destas glorias, de que elle ainda hoje se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816, como prégador regio, oito annos depois que nella entrárão S. Carlos, e S. Paio, Monsenhor Netto, e o Conego Januario da Cunha Barbosa, tive de lutar com esses gigantes da oratoria, que tantos loiros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todós os seus dignos rivaes. O paiz sabe, quaes foram meus successos neste combate desigual: elle apreciou meus esforços, e designou o lugar, a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos; pertence á posteridade sancionar este juizo. Arrastado pela energia do meu character, desejando cingir todas as coróas, abandonei-me com igual ardor á eloquencia, á philosophia, e á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente, nos principaes conventos da minha ordem, e no seminario de S. José desta côrte.»

Na conclusão do mesmo sermonario, diz:

«Terminando uma empreza tão laboriosa, rendo os meus sinceros agradecimentos ao Sr. Eduardo Laemmert por seu zelo, sua perseverança, e o auxilio valioso, que prestou, afim de sahír á luz com a maior nitidez e perfeição uma obra muitas vezes estorvada por emergencias inevitaveis, e corrigida por um escriptor privado inteiramente da vista, e que devia contar sómente com a energia da sua vontade, com o vigor da sua memoria, e a robustez da sua intelligencia. Tantos esforços, fadigas tão aturadas eram precisas para deixar um vestigio da minha passagem nesta terra, onde recebi applausos, coróas e ovações, de que nenhum orador, nenhum philosopho antes de mim,

«ousou ainda gloriar-se. Exposto ha dezoito annos, a todas as pro-  
«vações, e sorvendo cada instante o calix da angustia, que a mi-  
«nha cegueira me propina, gozo ao menos da consciencia de não  
«terem sido estereis tantos dias, nem enterrados os talentos, com  
«que Deus me mandou negociar. Sahirei pois deste mundo com  
«a doce consolação, de que restará de mim uma lembrança hon-  
«rosa, e não me será recusada uma lagrima.»

Observando-lhe um insigne medico, seu discipulo, que achára  
muito orgulhoso o prologo dos seus sermões, Monte Alverne res-  
pondeu ingenuamente: «Eu não fiz mais que historiar o meu  
passado.» Com esta desculpa lhe agravam ainda a culpa.

Ao mesmo proposito faz ainda o caso relatado pelo nosso Silva  
Tullio o qual o ouvira ao sr. Porto Alegre, e o expõe assim na  
sua excellente noticia biographica ácerca do padre:<sup>1</sup>

«Estando já cego, tentou reformar o convento; e para esse fim  
«mandou vir de S. Paulo um fr. Santo Aleixo, padre de virtude,  
«intelligencia e acção. Na vespera das novas eleições, os frades  
«pregaram na porta da cella de Monte Alverne, uma lista, em que  
«todas as dignidades do convento eram dadas a leigos, vindo en-  
«tre elles o nome do reverendo cego. No dia da eleição, compa-  
«rece no capitulo o padre mestre Monte Alverne. Antes de co-  
«meçar o acto, tira elle da manga a lista-pasquim, e manda-a  
«ler em voz alta. Depois, dando um murro na mesa, exclama:  
«Isto é verdade, uma grande verdade. Estou e vivo entre leigos.  
«Ah! meu Deus, querem acabar com o ultimo frade!» E reti-  
«rou-se para nunca mais voltar a capitulo.»

Outra anecdota narrada pelo mesmo escriptor, e tomada da  
mesma fonte, confirma quanto era indomito, exagerado, se o que-  
rem, em Monte Alverne, o sentimento da dignidade. Oicamol-o.

«Da austeridade do seu character, ou antes, do seu genio fo-  
«goso, se contam muitos casos. Um dos mais fallados foi que,  
«tendo o imperador D. Pedro I promettido o bispado de S. Paulo  
«ao eloquente padre mestre Fr. Francisco de S. Paio, indo elle pro-  
«prio ao convento dizel-o ao frade, nomeou depois outro bispo  
«por empenho da marquezia de Santos, que podia tudo n'aquelle  
«tempo. Indo depois o imperador ao convento, no dia de S. Fran-  
«cisco, como era costume, Sampaio saiu da sua cella a receber  
«o monarcha, sem dar mostras de resentimento. Monte Alverne,  
«vendo isto, chegou-se ao padre e disse-lhe em voz alta: «Onde  
«váes? Lembra-te que és Sampaio, o grande Sampaio, e não des-  
«ças do capitolio ás gemonias dos criminosos. Volta, Sampaio,

<sup>1</sup> *Archivo Pittoresco*. Tomo III, pag. 241.

«volta para a companhia dos teus livros, que foram os que te ajudaram a ser grande.» E ambos voltaram para a cella sem fallar ao imperador.

Sobre o primeiro dos trechos que deixámos extractados, exclama o nosso Tullio:

«Revela que o bom do frade não deixava a sua fama por mãos alheias, e que a exaltação dos applausos o tinha feito rasgar o veo da modestia, com que, ás vezes bem diaphanamente, se compõe os authores para sairem a público.»

Quando um homem tão bondoso sempre nos juisos, de coração tão mavioso, particularmente para com os companheiros no officio litterario, assim condemna ao meu pobre cenobita — de quem se esperará para elle misericordia? De quem?! De todos os martyrisados pela inveja, que são todos os benemeritos, passados, presentes e futuros. De quem?! D'elle proprio, quando revir esta sentença que lavrou e da qual eu appello d'elle para elle mesmo.

Anda cá, bom amigo, espirito equitativo, indulgente, franco, generoso; acompanha-me; subamos o oiteiro solitario; entremos na estreiteza da clausura; batamos a porta de Monte-Alverne. Conheceu a minha voz; ahi vem abrir todo alegre. Podes assistir a esta visita, e estudal-o á tua vontade; não te vé; não sabe que o vês; crê-se comigo a sós, e eu não sou já para elle um estranho.

A lhaneza do seu colloquio nem nos deixa lembrar-nos do seu nome, que resoa no maior dos imperios. O aposento, que em tres passos se mede todo, e de que os livros, gastos de se folhearem, enchem a maior parte, com uma escaça janella, por onde o sol o espreita, sem tambem ser visto, não tem outro luxo mais que um passarinho, segundo cenobita, que o ajuda a cantar as glorias do Creador.

Neste cubiculo vive Frei Francisco de largos annos sem desajar mais nada; aqui achou a sciencia da vida e da morte; aqui lhe floriu e se lhe desfolhou a adolescencia; aqui o tomou e o largou a virilidade; aqui lhe poz a velhice a sua coroa de prata. Nesta apertada ante-salla do sepulchro, sem lampada sequer, resume o seu mundo. Mas que serenidade! Todas as idades que successivamente passaram por elle lhe deixaram por prenda o que tinham de melhor. Com a sizudeza e bom conselho dos seus largos invernos, — invernos americanos, que são ainda tepidos e amoveis — mesclam-se os fructos sazonados do seu outono, os ardores vivacissimos do seu estio, as flores infinitas da sua primavera. A simpleza mesma do menino transparece ainda por entre as excellencias do varão, do velho e do caduco; um raio de sol

ressurtido das agoas movediças de um lago, borboletêa todo alegre pelos vãos sombrios d'uma caverna, que o domina, e anad a doirar com seu brilho fantioso, as estalactites choradas, petreficadas, accumuladas pelos tempos que lá vão.

Nada ha mais lhano que a sua conversação: não estuda phrazes; não arma a louvores; o *eu*, o terrivel *eu*, que Montaigne chamava odioso (e assim é, pois ninguem o pôde amar senão em segredo) parece ter desaparecido de todo da sua lembrança.

Pergunta com sincero interesse pelos trabalhos scientificos e litterarios dos que lá vivem no mundo; ouve-lhes os triumphos com alvoroço; illumina-se com a gloria alheia; se elle a conhece tão bem.... a gloria! Compraz-se de relatar, como um Nestor, o que os ingenhos do seu paiz teem lidado para o illustrar; ingenhos, de que é impossivel que interiormente se não ufane um pouquinho, pois foi mestre de quasi todos.

Os nomes honrosos de Portugal não lhe são menos caros; ousa tributar-lhes inteira justiça; delicia-se repetindo os cantos dos nossos poetas de eleição, que a sua memoria extraordinaria remem com amor, e a que a sua voz melodiosa como que dá novos realces.

A sua critica é leve, suave e justa; o seu louvor, inteiro e entusiastico; a sciencia, a benevolencia, a verdade, são tres graças, tão raras vezes reunidas, inspirando-o; a benevolencia sobre tudo.

É para ver como elle, este homem de tanto passado e de tanto futuro, me obriga a recitar-lhe das minhas poesias! (Venho-o defender de vanglorias, e não me sei livrar agora de incorrer n'ellas; mas digo como elle: eu historio). É para ver e pasmar, como elle me escuta com as minhas mãos apertadas nas suas, e deixando, a pouco e pouco, descahir para cima do meu hombro a sua cabeça laureada pela eloquencia.

Que transfiguração! o ascetico, o orador, o desenganado, o pelicano das palmeiras de Idumea, o sonhador de ceus na terra, o que traz nos ouvidos os sons da harpa de David, como eu os da lyra do Venozino; que rescende ás rosas de Jericó, como eu ás de Anacreonte; que devaneia o Eden, como eu a Arcadia; elle, cuja Castalia é a ponte de Siloé, e para quem já não existe verdadeiramente outra feminidade mais que a mãe de Deus; Monte Alverne, 'nestes instantes, por um prestigio da sua imaginação, imaginação que sobre elle proprio exerce o seu influxo, evoca todas as suas reminiscencias das bellas lettras profanas; rejuvenesce, e, se me é licito dizel-o, secularisa-se. Não é o Virgilio pagão, visitando como guia do Dante, as regiões sobrenatu-

raes da crença christã; é, pelo contrario, um dos apóstolos da lei da graça, a percorrer mentalmente as vaidades encantadoras do mundo das ficções; é Santo Agostinho, é S. Jeronimo, sem se desabracar da cruz, mas lembrando-se da outra Roma, e das ridentes idolatrias de suas musas. Não me pede, não me applaude só, os versos com que impetrei do throno o perdão para um velho, o renascimento para uma familia: obriga-me a recitar-lhe as amenas leviandades do velho cantor de Theos; o *Rapto d'Europa*, indestructivel monumento de Moscho e da Grecia; e até os furiosos *Ciumes do Bardo*, poema em que a memoria do ouvinte caminha adiante da recitação do author, como que para o animar a progredir.

Depois de tributada esta homenagem aos estudos terrestres, seus antigos amores, homenagem realçada pelo discreto e profundo das suas observações moraes e criticas, ver como reverte naturalmente á sua gravidade habitual!

Lembra Chateaubriand, quando no poema dos *Martyres* appende aos quadros vistosissimos da mythologia helenica, mostrados pela neta de Homero, as austeridades da nova lei, solemnizadas por Eudoro penitente no meio da sympatica e devota familia de Lastenes, á beira do Ladon, já começado a desfabular.

Agora sou eu que o admiro; sou eu que me esqueço da lyra, para me ir traz o varão inspirado de mais alto.

Não tem de me esquecer nunca a ardente convicção, a unguida facundia, o espirito liberal a um tempo e religioso, com que elle, depois de me assombrar recitando de cór alguns trechos do meu artigo sobre S. Bruno, discorre, sublime e quasi propheticamente, sobre as ordens religiosas; como na apparição, no desenvolvimento, na decadencia d'ella, e na sua aniquilação por tantas partes, vê o dedo d'uma Providencia sempre amiga do genero humano, e sempre progressiva; como, superior a todos os fanatismos, desculpa, absolve quasi, a extincção dos conventos no velho e defecado Portugal — ao mesmo tempo que para as solidões profundas e immensas do Brasil, o frade lhe parece ainda um instrumento providencial de civilisação, merecedor de toda a attenção dos estadistas filantropos.

Não é a companhias de aventureiros só avidos de se enriquecerem; não é a colonias mal recrutadas, mal concordes, mal avindas com um clima estranho, e por isso ephemerhas; não é emfim, acrescenta elle, a theorias legislativas que está reservada a gloria de converter as aldéas selvagens em fócios de cultura e industria, e de dar começo na profundeza das florestas, a cidades estrondosas. O tigre e a serpente hão de fugir deante da inchada pa-

cifica do fradinho descalço. Onde, em vez do susurro das arvores milanarias, se chegar a ouvir um sino de oração, ahí baixarão os anjos do trabalho, da fecundidade, da união e da força. O ceo confirmará as benções da terra. Em redor dos votados á pobreza, á obediencia, á castidade — pullulará a abundancia, a dignidade humana, e gerações incalculaveis, que os amem e que os bendigam até ao dia em que já d'elles não precisem.

O que fôra Orpheu com o seu canto na Grecia barbara, selo-ha com o evangelho o cenobita em nossa America. Nas regiões dos semi-homens — nús, insociaveis, ferinos — um amortalhado haverá feito penetrar a vida e o seculo, a historia e o porvir, as artes e as sciencias, as heroicidades e as virtudes. Admirar-se-ha levantado ao seu trono infinito, por ora vago, o rei da creação, sob as caricias do mais esplendido firmamento.

Aqui o seu grande coração se dilata de orgulho santo. O seu aférro á patria e á humanidade, e pelo interesse d'ambas ellas á sua ordem tambem, reveste as fórmulas da indignação contra os estadistas impróvidos, que trazem na cabeceira da sua lista de proscricção triumviral o servo de Deus, agente manifesto de tanta providencia.

São numerosos — diz elle — mas o altissimo ha de lhes recusar força para despedaçarem o frade em quanto o frade poder ser util. São audazes — prosegue — mas a rasão publica ha de prevalecer á sua audacia.

A minha vida está por pouco; o meu sol já se poz ha muito tempo; não verei as novas eras que se preparam a este imperio, porém morro consolado com a fé que m'as annuncia. Se á hora da partida me dissessem: «Apressate em sair do mundo, que mandam fechar o teu conventinho; apressa-te, se queres ser ainda interrado onde oraste, amaste e esperaste tantos annos»; eu diria na minha derradeira oração: «Senhor, muito embora a tempestade disperse este ninho; mas velai vós as aves que a si se não podem valer; concedei a meus irmãos, como graça para elles, e mercê para o imperio, o desterro! Que nos importa haver ou não para nós vivenda nas cidades e na côrte! Atirem comnosco para os sertões, para onde mundanos não sabem, não ousam, não podem ir; e os vossos servos lá se vingarão orando, perdoando, e creando novas cidades para os seus desterrados.»

Aqui chegado emudece; é um silencio que ninguem se atreveria a interromper: o seu discurso, a sua visão, continuam-lhe lá por dentro muito mais solemnes. Na escura e magestosa nu-



## VERSOS PARA RECITAR AO PIANO.

De luz, de encanto, de alegria infinda,  
Aquelle rosto seductor esplende,  
Brilha a ventura em sua face linda,  
E vivo fogo o seu olhar accende.

Como a existencia para nós é bella  
Entre a verdura d'esta amena estancia!...  
Aqui suspira a viração singella,  
E esparge a rosa virginal fragancia.

Livres, imunes, n'este doce enleio  
Dos gratos dias do saudoso abril,  
Ouvir das aves o infantil gorgoeio,  
Gosar da sombra do enredado till!...

Ella a meu lado, sobre os meus cravando  
Aquelles olhos, cuja densa rama  
Agora occulta logo vae deixando  
Brilhar o fogo da traidora chamma!

Se entro no baile onde o prazer se agita,  
Ei-la! a formosa no veloz passar,  
Louca os seus olhos nos meus olhos fita,  
E mil affectos me traduz no olhar!

De luz, de encanto, de alegria infinda,  
Aquelle rosto seductor esplende,  
Brilha a ventura em sua face linda,  
E o céu no fogo, que esse olhar accende!

BULHÃO PATO.

## PALESTRAS SCIENTIFICAS

### VI

Se de qualquer das iminencias, que cercam a cidade de Lisboa, ou, melhor ainda, do elegante castello da Pena sobre a serra de Cintra, nas bellas tardes do Outono, que n'este extremo da Europa são aquellas em que o ar se nos apresenta mais puro e sereno, olharmos para os montes que do outro lado do Téjo limitam o horisonte, vel-os-hemos tintos de azul arroxeadado, como se a côr do Céu se esbatesse sobre elles.

Voltando-nos para qualquer lado do extenso panorama, que em torno de nós se desenrola, observaremos que os objectos que estão a grande distancia revertem a mesma côr : assim, olhando para o noroeste, veremos surgirem do mar tintas de azul as pequenas ilhas que formam o grupo das Berlengas, e levantar-se para o nordeste, tambem azulado, o serro do Monte-junto.

Á proporção que dirigimos a nossa vista dos objectos, que estão nos confins de um extenso horisonte, para outros successivamente mais proximos, a coloração varía por gradações insensíveis, em que o azul diminue até desaparecer, manifestando-se a final a côr dos objectos proximos, sem modificação alguma, com a intensidade e tons que lhe são proprios. Assim a cor verde das arvores visinhas impressiona a nossa vista de modo muito diverso d'aquelle com que vemos as que estão a grande distancia.

Sabem sto perfeitamente os pintores de paizagem, e quando querem

representar nos seus quadros os objectos afastados, montanhas, construcções, arvores, ou animaes, não só tornam indicisos os contornos, enfraquecem as sombras, diminuem a intensidade dos claros, mas tambem os vélam de rouxo ou de azul mais ou menos claro e modificado pelo branco.

O azul, empregado com discernimento, dá, até certo ponto, nos quadros e nas aguarelas, representando paizagens, a medida aproximada da distancia a que se acham os objectos. Esta coloração gradual do azul claro para os objectos afastados e a modificação nas sombras e na luz dos que nos ficam mais proximos, constitue um dos principaes recursos da prespectiva aerea, cujo fim é tornar verdadeira a imagem, dando relevo, vida e movimento ao desenho pela collocação exacta e natural dos objectos representados, e pelo modo com que impressionam a nossa vista.

As exigencias da prespectiva aerea não se satisfaz por meio de processos convencionaes e arbitrarios, nem pela resolução de um problema geometrico, como ás da prespectiva linear, mas sim pela observação intelligente da natureza, e pelo conhecimento da optica, ou physica da visão.

Ha muita gente, e até mesmo pintores, que não sabem a razão porque vemos azuladas as montanhas distantes e todos os objectos longinquos, nem porque motivo o céu limpo de nuvens nos parece azul claro durante o dia; e comtudo já desde muito tempo que a physica ensina que esta coloração é devída ao ar atmospherico. Este, como todos os meios de grande extensão, reflecte a cor azul que apparece pura se olharmos atravez d'elle para o espaço, ou que é modificada pelas cores proprias dos objectos afastados sobre os quaes dirigimos a nossa vista.

Se o ar se acha carregado de vapores, que vão condensar-se em nuvens bem definidas, o azul da athmosphera empallidece, começa a desvanecer-se e branqueia. Assim o ar dos vales humidos, e das baixas regiões faz-nos vêr o céu esbranquiçado, e nas regiões do norte, em que uma temperatura pouco elevada mantém quasi sempre no ar vapores prestes a condensar-se, o azul do céu é mais desmaiado, triste e menos brilhante do que o dos paizes meridionaes da Europa, como se observa na Grecia, na Italia e na nossa patria, cujo céu, não tendo rival pela belleza, embriaga os que o vêem, destrahindo-os muitas vezes das coisas positivas da terra, para os adormecer nos sonhos de uma vaga poesia, ou nas delicias somnolentas do *far niente*.

As cores rosadas da aurora, o rubro, mais ou menos afogueado, e todos os cambiantes da luz do occaso, são effeitos multiplicados e complexos da polarisação da luz do sol nas camadas atmosphericas que os seus raios atravessam com grandes inclinações.

Se o ar atmospherico não existisse, ou fosse completamente incolor e diaphano, a distribuição da luz á superficie da terra seria outra coisa bem differente do que é na realidade. Não teríamos os crepusculos, que annunciam com as cores da aurora a proximidade do dia e o apparecimento do sol; e de tarde, depois que este astro se occulta por debaixo do horisonte, nos illuminam ainda suavemente, preparando a transição da claridade para as trevas da noite. Não conheceríamos a luz difusa, tão apropriada á nossa vista, e que nos alumia sem nos fatigar. Ficariamos reduzidos aos extremos de completa obscuridade, ou da illuminação directa do sol pelos seus raios mil vezes reflectidos nos corpos opacos, que nos cercam. O céu á nossa vista seria um espaço infinito e indefinivel, um abysmo sem termo, negro intenso, no meio do qual, a toda a hora do dia e da noite, seriam visiveis os astros, quando nos não offuscasse a luz directa do sol.

Os que tem subido ás altas montanhas, ou realizado ascensões aereostaticas ás regiões superiores da atmosphaera, observaram que, á proporção que a altura cresce, torna-se mais escura e triste a cor do céu, porque a camada do ar, que se interpõe entre o observador e o espaço infinito, é cada vez menos espessa. O barão de Humboldt, em uma das suas ascensões aos pincaros das mais altas cordilheiras, abrigan-do-se da luz directa do sol á sombra de um rochedo poude ver distinctamente as estrellas em pleno dia.

Na illuminação da terra o ar atmospherico exerce por conseguinte preciosa influencia: as suas particulas, reflectindo e refractando a luz do sol, enviam-nos os seus raios suavemente modificados e em todas as direcções. Quando aquelle astro se acha ainda abaixo do horisonte, antes da sua apparição no Oriente, ou depois do seu occaso, as regiões superiores da atmosphaera, sendo por elle illuminadas, offerecem-nos a luz suave dos crepusculos.

É por esta razão que a existencia da noite é uma prova de que a atmosphaera da terra tem limites e pouco affastados. Se ella os não tivesse e se estendesse por todo o espaço com as propriedades physicas que a caracterizam no estado de condensação em que se acha em torno do nosso planeta, o phenomeno da noite não seria possivel, porque o ar do espaço, sendo illuminado sempre pelo sol na sua maxima parte, enviar-nos-hia os raios d'este astro reflectidos, como o fazem, durante os crepusculos da manhã e da tarde, as camadas superiores da atmosphaera sensivel.

(*Continua.*)

J. PIMENTEL.

## CHRONICA

---

Uma visita que tivemos a fortuna e a honra de fazer, vae dar-nos hoje o assumpto principal da chronica. E quando o leitor souber a visita que foi ha de agradecer-nos a revelação, sentindo ao mesmo tempo não nos haver acompanhado. A outros, porém, coube essa felicidade, augmentando a nossa. Tivemos dois companheiros, apreciaveis sempre, mas na visita que fizemos, além de apreciaveis, valiosos e necessarios. Foram dois pintores distinctos, os srs. Anunciação e Christino. Cital-os é quasi denunciar a nossa visita, deixando perceber que foi, sem a mais leve duvida uma visita artistica. Escusado é, pois, negal-o, e vamos já descrevel-a com toda a singeleza e exactidão.

Depois de nos reunirmos ás dez horas na Academia das Bellas Artes dirigimo-nos a casa do sr. Jorge Huson, para admirar a galeria de pintura que sabiamos ali existir. Annuciámo-nos, e fomos immediatamente acolhidos, mandando-nos S. Ex.<sup>a</sup> entrar para uma sala e prevenindo-nos de que viria immediatamente receber-nos. Mal entrámos na sala, reconhecemos logo, que estavamos no recinto quasi phantastico que nos haviam desenhado. Rodeavam-nos maravilhas e obras primas da arte. Os meus dois companheiros estacavam fanatisados diante de cada quadro, mostrando nas phisionomias a impressão profunda que recebiam e a adoração intima que tributavam ás mais brilhantes manifestações do genio. O chronista seguia-os na sua admiração, e crescia-lhe o enlevo a cada nova belleza que lhe apontavam, e que a sua incompetencia lhe não deixava perceber. O chronista contemplava como amator; os seus dois companheiros observavam como artistas. O primeiro reconhecia o bello, o sublime, a magnificencia que só os grandes talentos realisam e que não ha olhos que não vejam; os segundos comprehendiam, apreciavam e estudavam.

Pouco tempo depois entrou na sala o sr. Jorge Huson. O chronista não o conhecia, e foi-lhe apresentado. O que logo advinhára n'aquella phisionomia aberta, franca e intelligente, meia hora depois de uma illustrada conversação excedeu-lhe toda a expectativa. Erudição verdadeira, illustração extrema e notaveis conhecimentos artisticos tudo reunia. Versado na historia da arte, como raros, fallando d'ella, tornava a sua palestra uma lição do melhor livro. Todos os cultores lhe são familiares, todos os pinceis lhe são conhecidos; a todos sabe a escola, a todos descobre pela tinta. Nosso encarregado de negocios em Roma durante muitos annos teve occasião de estudar os bons modelos e com extraordinario aproveitamento. Era em sua casa que diariamente se reuniam os primeiros artistas, onde de certo os attrahiam a valia dos conhecimentos e a justeza da opinião que em taes as-

sumptos manifestava o sr. Jorge Huson. Por isso o prazer que ha em visitar a galeria de S. Ex.<sup>a</sup> redobra de valor, quando as explicações da sua palavra auctorisada acompanham a observação do amator ou do artista. Cada quadro tem a sua historia, historia interessante, historia eloquente, historia gloriosa, historia finalmente com que nós esperamos ainda uma vez mimosar os nossos leitores, se a bondade de S. Ex.<sup>a</sup> nos permittir transcrever, ouvindo-o, reservando então para esse fim o espaço que exige no jornal, que d'esta fórma grangeará uma boa riqueza.

Bastará mencionar os quadros para despertar nos leitores a curiosidade e promover-lhe o desejo de ver realisado o nosso empenho. Foi em Portugal, em Hespanha e na Italia que o sr. Jorge Huson fez a aquisição dos seguintes quadros:

N.º 1 — Representando a Virgem e o Menino Jesus n'um throno; dois anjos sustentam o docel e quatro santos tributam-lhe adoração. O quadro é em madeira, pintado por Gio. F. Penni, denominado *il Fattorino*. Foi executado para a capella do Conde Leti, na igreja de S. Simão, em Spolitto.

N.º 2 — Descida da Cruz, em madeira. O Christo morto, a Virgem e S. João, por Sebastião del Piombo. Este quadro foi dado por Monsenhor Conti, nuncio em Lisboa, depois Papa, a el-rei D. João v que fez presente d'elle ao mosteiro das religiosas de Odivellas, onde esteve perto de um seculo. Quando se fizeram obras no convento, ha cincoenta annos, foi vendido á familia do actual possuidor. Torna-se ainda mais precioso, porque as obras d'este pintor são tão raras que ha muito poucas em Italia. Nos estados do Papa, ha só um, que está em Viterbo, além de outro em marmore e de outro em ardosia, que existem em Roma.

N.º 3 — Cabeça de tamanho natural de um Rabbi por Rembrandt, no seu estylo mais arrojado.

N.º 4 — Repetição da Peste por Poussin, cujo estylo é mais forte e vigoroso que o do celebre quadro que está no museu do Louvre, porque esta repetição foi pintada quando este artista tinha attingido o maior gráo de perfeição, e pertencia a uma das primeiras galerias de Roma (do Principe de Ghigi). Esta mesma opinião confirma o celebre pintor francez Ingres n'uma carta em que descreve a preciosa galeria do sr. Jorge Huson.

N.º 5 — A Virgem da Conceição rodeada de anjos, por Galiegos, da escola hespanhola. Fazia parte da collecção do marquez de Lourçal.

N.º 6 — Tobias e o anjo, com uma paisagem descripta por Deschamps na sua historia dos pintores flamengos, hollandezes e allemães, por Elsheimer. Pertencia á galeria do principe Palavicini em Roma.

N.º 7. — A Virgem e o Menino, por Benvenuto Garofalo. Este quadro, cuja moldura está adornada de arabescos, no centro dos quaes se divisam as armas da familia Visconti, é ainda mais curioso por que prova n'um baixo relevo que ali se vê pintado, a asserção julgada até agora inexacta de Jorge Vasari que Raphael tinha contratado com o governo pontifical para mandar o seu discipulo estudar á Grecia, attendendo a que estas pinturas representam o baixo relevo da guerra dos Centauros, a qual foi descripta por Mr. Wagner na sua illustração dos marmores Philageianos.

N.º 8 — Uma cabeça do Salvador, por Miguel Angelo Buonarotti. Este quadro tambem é citado com grande louvor na mesma carta de Mr. Ingres.

N.º 9 — Retrato do Cardeal Octavio Ubaldino, sobrinho de Leão x, por Rosso Fiorentino. As obras d'este pintor são muito raras, mesmo na sua patria, porque morreu em França ao serviço de Francisco i.

N.º 10 — Paisagem, por João Wynants com figuras por Vandervelt. Fazia parte da collecção do cavalheiro Juliano, mencionado por Deschamps como um distincto amator.

N.º 11 — Cópia da celebre pintura a fresco da Annunziata del Beato Angeluó di Fiesole, por Bronzino. Tem o nome do pintor e a data. Pertencia á galeria Albani.

N.º 12 — Composição de doze figuras. — O Propheta Eliseu que, com a capa de Elias resuscita tres crianças, por Raphael d'Urbino.

- N.º 13 — A descida da Cruz, esboço por Rembrandt.  
 N.º 14 — Quadros em madeira: a sacra familia e a Resurreição, por Gran-Vasco.  
 N.º 15 — Retrato do Cardeal de Polignac, por Rigaud. Pertencia ao Cardeal Bernis e ha a gravura por Drevet.  
 N.º 16 — Cabeça de um anjo; estudo de Guido Reni para o seu quadro de «l'Annunziata,» na igreja de Santa Maria della Scopa, em Ascoli.  
 N.º 17 — Um baixo relevo e as figuras de dois santos que o acompanham, por Lucca della Robia.

São ou não verdadeiros primores d'arte que encerra a riquissima collecção do sr. Jorge Huson? Sei á possível havel-a mais escolhida e mais opulenta? Reparem e verão que não ha um quadro que não seja uma preciosidade. Cada nome é um vulto eminente; cada painel uma raridade. Demais o sr. Jorge Huson junta á gloria de possuir tal galeria, a gloria maior ainda de havel-a formada, á custa de muitas difficuldades, de muito tempo, de muita investigação, e auxiliado pelo estudo, com extraordinario aproveitamento, dos grandes modelos dos mestres. Eram-lhe estes familiares e bastava-lhe vel-os para os julgar e reconhecer. No amator vive o artista; falta-lhe a palheta, mas sobra-lhe vocação e saber.

Penhorados e entusiasmados saímos d'aquella casa, e promettendo a nós mesmos abusar mais vezes da summa delicadeza e insinuante bondade de seu estimavel dono. O chronista vinha além d'isso maravilhado com uma bella dadiva que teve a honra de receber do sr. Jorge Huson. Uma photographia do quadro de Raphael d'Urbino. Registrando a dadiva folga em poder accrescentar que lhe é duas vezes grata: pelo valor que encerra e por symbolisar um acontecimento de bastante valia para o chronista, como foi o de haver travado conhecimento com o sr. Jorge Huson.

Aproveitaremos agora o pouco espaço que nos resta para dar algumas novas litterarias. Publicou-se o *Elogio do Barão de Humboldt*, lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias, pelo secretario geral interino José Maria Latino Coelho. O sabio auctor do *Kosmos*, esse colosso da sciencia, que se levantou no pedestal das suas obras a uma altura que todo o mundo intellectual contemplou attonito, teve no talentoso academico um apreciador brilhante. Ás pompas e gallas do estylo soube o sr. Latino Coelho alliar uma analyse profunda e um trabalho consciencioso. Em toda a boa livraria deve haver um exemplar.

O editor Pereira tambem enriqueceu o catalogo das suas obras com o drama *Abençoadas lagrimas*, de Camillo Castello Branco. Na scena foi festejado, como merecia, mas no livro ha de grangear maior exito, pelas bellezas litterarias que contém, e que só no remanso do gabinete são verdadeiramente saboreadas.

Já que fallamos em theatro cumpre-nos mencionar o brilhante exito que acaba de obter o *Martim de Freitas*, de Mendes Leal, na primeira scena portugueza. O alcaide de Coimbra está desenhado por mão de mestre; todos os outros personagens são esboços, mas denunciam a firmeza do lapis que os traçou. Não aventuramos juizo sobre a peça, por que sabemos que um dos nossos collaboradores o está escrevendo para apparecer nas paginas da *Revista Contemporanea*.

Fecharemos a chronica agradecendo á direcção do jornal *Le tour du monde*, a graciosa offerta do n.º 70 d'esta interessante publicação. Vem illustrado com nove gravuras representando *Vianna do Castello, Barcellos, a festa do Pilar, duas vistas do castello de Guimarães, carta de Portugal, igreja de Villa do Conde, Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e a cidade do Porto*. A parte litteraria é devida á penna elegante e facil de mr. Olivier Merson, descrevendo uma viagem ás nossas provincias do norte. É esta a segunda vez que o distincto escriptor se occupa de Portugal, prestando-lhe um eminente serviço, serviço que todos os homens de letras proclamam reconhecidos, e que tambem o nosso humilde nome registra com louvor.

ERNESTO BIESTER.